

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Gisela de Lima Almeida Marques

**VALORES LEXICAL E GRAMATICAL
DO VERBO *CHEGAR***

Juiz de Fora

2009

GISELA DE LIMA ALMEIDA MARQUES

**VALORES LEXICAL E GRAMATICAL
DO VERBO *CHEGAR***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Nilza Barroso Dias

JUIZ DE FORA

2009

Marques, Gisela de Lima Almeida.

Valores lexical e gramatical do verbo chegar / Gisela de Lima
Almeida Marques. – 2010.
198 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Lingüística)–Universidade Federal de Juiz
de Fora, Juiz de Fora, 2010.

1. Língua portuguesa - Verbos. 2. Lingüística. I. Título.

CDU 806.90-541.45

Gisela de Lima Almeida Marques

VALORES LEXICAL E GRAMATICAL DO VERBO *CHEGAR*

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Professora Doutora Nilza Barrozo Dias (Orientadora)

Universidade Federal de Juiz de Fora

Professora Doutora Amitza Torres Vieira

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Marcelina

Professora Doutora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora

2009

AGRADECIMENTOS

A Deus, “graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem” (Salmos 139:14).

Sou grata ao meu marido e aos meus pais pela força e pelo apoio dados nos momentos de desânimo.

Agradeço também à professora Nilza Barrozo Dias pela orientação, pela paciência e estímulo incansáveis.

Não poderia me esquecer do professor Mario Roberto Zágari pela iniciação às primeiras pesquisas, pela amizade e carinho a mim dedicados.

Agradeço ainda a todos que torceram por mim durante essa fase e que me ajudaram a concluir este trabalho.

RESUMO

O objeto desta pesquisa é a análise de sentenças do Português do Brasil (PB) que contêm o verbo de movimento *chegar*. Encontramos, na escrita e na oralidade, construções com o verbo *chegar* lexical, que pode funcionar como um verbo pleno, ou ainda que pode funcionar, em processo de gramaticalização, como verbo quase-auxiliar. Ao analisarmos o verbo como lexical, observamos que ele pode ser monovalente ou bivalente. Sempre apresenta um sujeito e, como complemento, seleciona, na maioria dos casos, um locativo. Pode selecionar ainda o complemento indireto, ou seja, quando o argumento indica que um determinado ponto foi atingido. Este argumento denota, normalmente, um preço, uma posição/colocação e uma porcentagem. Em processo de gramaticalização, o verbo *chegar* passou no teste de verbos auxiliares, contudo, como não é esvaziado de sentido nas perífrases verbais CHEGAR A + INFINITIVO, consideramos um quase/semi-auxiliar, de acordo com a proposta por Travaglia (2003).

Palavras-chave: Gramaticalização. Chegar. Preposição.

ABSTRACT

The object of this research is the analysis of sentences from the Brazilian Portuguese (BP) that contains the verb of movement *chegar*. It's found – in the writing and speaking – constructions with the lexical verb *chegar*, that can work as a complete verb, or it can work, in process of grammaticalization, as a quase-auxiliar verb. When the verb is analyzed as lexical, it can be monovalent or bivalent. There is always a subject and, as a complement, select, most of times, a locative. It can still select the indirect complement, i.e., when the argument indicates that a specific point was reached. This argument indicates, normally, a price, a position/collocation and a percentage. In process of grammaticalization, the verb CHEGAR has been approved in the test of auxiliary verbs, however, as it's not emptied of sense in the verbal periphrasis CHEGAR A + INFINITIVE, we consider a quase/semi-auxiliar, according to a proposal for Travaglia (2003).

Keywords: Gramaticalization. To come. Preposition.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	O VERBO <i>CHEGAR</i>	11
2.1	PREDICAÇÃO	12
2.2	PREPOSIÇÃO	20
2.2.1	A preposição DE	26
2.2.2	A preposição EM	31
2.2.3	A preposição A	35
2.2.4	A preposição ATÉ	41
3	AUXILIAR	43
3.1	GRAMATICALIZAÇÃO	45
3.1.1	Princípios da Gramaticalização	46
3.1.2	Mecanismos	48
3.1.3	Fatores motivantes	48
3.1.4	Verbos Gramaticais	49
4	ASPECTO	53
5	ANÁLISE DE DADOS	60
5.1	<i>Chegar</i> com complemento locativo	60
5.1.1	Com a preposição <i>a</i> inserindo o locativo	60
5.1.2	Com a preposição <i>em</i> inserindo o locativo	62
5.1.3	Com a preposição <i>até</i> inserindo o locativo	63
5.1.4	Com a preposição <i>de</i> inserindo o locativo	64
5.2	<i>Chegar</i> com complemento indireto	65
5.3	<i>Chegar</i> monovalente	68
5.4	<i>Chegar</i> como impessoal	69
5.5	<i>Chegar</i> gramatical	70
5.5.1	<i>Chegar</i> gramatical em português arcaico	76
6	CONCLUSÃO	78
	REFERÊNCIAS	79

1 INTRODUÇÃO

O objeto desta pesquisa é a análise de sentenças do Português do Brasil (PB) que contêm o verbo de movimento *chegar*, segundo a proposta funcionalista. Encontramos na escrita e na oralidade, construções com o verbo *chegar* lexical, ou seja, funcionando como um verbo pleno, em processo de gramaticalização, funcionando como verbo quase-auxiliar em sentenças ou como impessoal. A nossa hipótese prevê o verbo chegar sofrendo perda de movimento de X a Y, o que denota franco processo de gramaticalização.

Ao analisarmos o verbo como lexical, observamos que ele como bivalente seleciona diferentes tipos de argumentos. Sempre apresenta um sujeito (explícito ou desinencial, que pode ser retomado pelo contexto) e como complemento apresenta, na maioria dos casos, um locativo (1), mas também apresenta complemento indireto (2), ou seja, o argumento expressa que um determinado ponto foi atingido. Este argumento é, normalmente, um preço, uma posição/colocação, uma porcentagem.

(1) Alice Tavares e Aluizio Gomes **chegaram** de um cruzeiro pela Patagônia, a bordo do navio Star Princess (Jornal Panorama - 07/02/08 – Douglas Fazolatto –p8).

(2) A Beija-Flor ganhou de ponta a ponta, alcançando 393,3 dos 400 pontos em disputa. Com isso, a agremiação de Nilópolis **chegou** ao seu 11º título, com um detalhe: nos últimos seis anos, ganhou cinco desfiles, de 2003 a 2005, e 2007-2008 (Jornal Panorama - 07/02/08 – Nada de novo, deu Beija-flor – geral – p7).

Como lexical, encontramos também o verbo *chegar* selecionando apenas um argumento, monovalente (3), para a posição de sujeito, quando este indica tempo. Nestes casos, o verbo é intransitivo.

(3) Já **está chegando** a época de apresentação da planilha e ainda não tivemos qualquer informação a respeito disso (Jornal Panorama - 23/01/08 – cidade – p3).

Nos dados selecionados foram encontrados dois exemplos raros ainda na língua. O primeiro é o verbo *chegar* com sentido de existir (4), portanto, a oração da qual ele faz parte não apresenta sujeito. O segundo, o verbo *chegar* tem sentido de parar (5). Ambos os exemplos foram encontrados nos dados orais.

(4) Acareação Yamaha

R é:: chegô cheg chegou meis de de de de vim a boleto de um mês
te.: adiantado porque é:: é tudo numeradinho, né.

(5) Transcrição de Tocantins

E	Não(init) mais ela tem que devolver aquele seu
F	não eu sei, mais vão perguntar ele depois
E	não, não perguntar agora (init)
F	i num ligo pra essas coisa não mãe, <u>chega</u>

Em processo de gramaticalização, o verbo *chegar* passou no teste de verbos auxiliares, contudo, como não é esvaziado de sentido nas perífrases verbais chegar a + infinitivo, consideramos um quase/semi-auxiliar, de acordo com o proposto por Travaglia (2003).

Nos exemplos analisados, o verbo, em processo de gramaticalização, apresenta um aspecto resultativo (6), expressando um resultado inesperado originado por uma ação anterior, que pode ser retomada no contexto.

(6) O Foquinha, antes de ser substituído por Marcinho, aos 31 minutos da etapa final, relutou contra a determinação do médico Sérgio Freire Júnior e tentou voltar a campo. Depois, com receio de uma terceira lesão grave na carreira, chegou a atirar a camisa ao chão e deixou o campo bastante decepcionado (Jornal Panorama - 01/02/08 – Seis meses sem bola – esporte – p11).

Em todos os casos analisados com o verbo *chegar*, levamos em conta a preposição que introduz e também faz parte da predicação do verbo. As preposições encontradas foram *a*, *de*, *em*, *até*. As preposições *a*, *em*, *até* marcam o ponto final

da trajetória percorrida pelo verbo de movimento (7) e a preposição *de* marca o ponto inicial, a origem da trajetória (8). Dessas, somente a preposição *a* participa da perífrase verbal da qual o verbo faz parte.

(7) Ele **chega** no Brasil na próxima semana para decidir o futuro e começar a treinar (Jornal Panorama - 11/01/08 – Romário estréia com derrota – esporte – p12).

(8) Ela **acabou de chegar** dos EUA, onde passou um mês, inclusive o réveillon (Jornal Panorama - 06/02/08 – Douglas Fazolatto –p8).

Houve uma única ocorrência em que duas preposições fizeram parte da perífrase ao mesmo tempo, a preposição *a* e *até* (9).

(9) TeleBrasil

V é mais eu insisti, eles queriam passar o telefone para () comercial e eu não
 ander quis, **cheguei ate a tirar**, () reconheci firma ()

No capítulo dois, abordaremos o verbo chegar e sua predicação, com o objetivo de mostrar que ele é um verbo transitivo, ou seja, o argumento por ele selecionado é essencial e não facultativo. Neste capítulo também, analisaremos as preposições que fazem parte do sistema de transitividade do verbo em estudo, auxiliando-o sintática e semanticamente.

No capítulo três, o objetivo é mostrar que o verbo chegar não é um auxiliar, mas sim um semi-auxiliar, segundo as categorias propostas por Travaglia (2003).

Em seguida, abordaremos o aspecto verbal que o semi-auxiliar chegar denota em perífrases verbais, com o objetivo de destacar seu aspecto resultativo.

Para compor os dados da linguagem oral, foram utilizados o banco de dados da Fala Mineira, projeto orientado pela Profa. Dra. Nilza Barroso Dias, e de audiências de conciliação do Procon, projeto orientado pela Profa. Dra. Sônia Bittencourt Silveira, pois ambos apresentam informalidade apesar de o Procon ser institucional.

Os dados do projeto Fala Mineira selecionados foram: Ponte Nova, “Feira de agricultores da Barra” (em Muriaé), Tocantins, “Feira do Elinho” (em Cachoeira Alegre-distrito de Barão de Monte Alto).

As audiências selecionadas foram: *Brasil Telefônica, OK Veículos, Hoje serviços públicos, Tele Brasil, Seguro Card, Banco Blue, Banco x Previdência, Banco Green, Telefixo, Hoje telefonia celular, CEF, Yamaha, Banco Sul, Gesso Nova.*

Para compor os dados da modalidade escrita, foi selecionado o Jornal Panorama, que foi distribuído gratuitamente em dias úteis em Juiz de Fora e região e também disponível na internet.

O período de publicações analisado foi de 07/01/08 a 07/02/08.

2 O VERBO *CHEGAR*

Em termos gerais, segundo Bechara (2003), entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical. Esta classe de palavras se organiza ao combinar-se com morfemas de tempo, de modo, de pessoa e de número.

O verbo *chegar* apresenta os seguintes valores lexicais no dicionário da Academia Brasileira de Letras (2008): (i) completar a viagem de ir ou vir; (ii) acontecer, ocorrer; (iii) atingir, alcançar; (iv) atingir o termo de movimento de ida ou vinda; (v) conseguir, lograr (uma situação); (vi) elevar-se, orçar; (vii) pôr perto, aproximar; (viii) bastar, ser suficiente; (ix) pôr perto, aproximar; (x) retirar-se (coloquial) e (xi) ir ao extremo de, ir a ponto de.

Bechara (2003, p.210) afirma “no verbo português há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a ‘pessoa’ do ‘número’ nem o ‘tempo’ do ‘modo’; isto ocorre em grande parte, se não totalmente, com o ‘tempo’ e o aspecto”.

Bechara também classifica o verbo *chegar* como pontual, de acordo com as propostas de Coseriu em relação às categorias de tempo e aspecto, pois se caracteriza pela ausência da duração no desenvolvimento do processo.

Em perífrases verbais, Bechara classifica-o como resultativo, classificação com a qual concordamos.

Considerando os valores semânticos dados ao verbo *chegar*, no banco de dados utilizado neste trabalho, podemos incluí-lo também na classe dos verbos de movimento, pois o argumento que ele seleciona para a posição de sujeito sofre deslocamento físico/ não físico. Há sempre uma mudança no estado inicial do sujeito.

É, portanto, válido ressaltar que as preposições que fazem parte da regência do verbo em estudo – a, em, até, de – também pressupõem movimento/ deslocamento.

2.1 Predicação

Neves (2002) apresenta a teoria de Tesnière que liga o conceito de valência à centralidade do verbo na frase. De acordo com essa teoria, o verbo é o elemento que une os elementos de uma frase em um só feixe. Há relações de dependência numa frase.

O verbo é o regente, logo, ele determina certo número de argumentos que serão mantidos sob seu domínio, sob sua dependência.

O número de argumentos que um verbo rege, numa determinada frase, é o que Tesnière considera valência verbal. A valência, portanto, é o nome dado à relação existente entre o verbo e seus argumentos.

Os argumentos variam de zero a três, mas os circunstantes/adjuntos são ilimitados. Segundo esse critério, os verbos classificam-se em aivalentes (sem argumentos), monovalentes (com um argumento), bivalentes (com dois argumentos) e trivalentes (com três argumentos).

A teoria de Tesnière contempla também o papel das preposições na estruturação da frase. A preposição transforma substantivos em advérbios. A esse processo dá-se o nome de translação, que é a transformação de uma classe gramatical em outra.

(10) — Estou muito contente por **chegar** a uma instituição muito grande e pela recepção que tive dos meus colegas. Isso ajuda bastante para seguir trabalhando e tratar de conseguir um posto no time titular — disse (Jornal Panorama – 01/02/08 – Zagueiro vai estreiar – esporte – p11).

Essa teoria não deixa clara a distinção que é feita entre argumentos e circunstanciais. Sabemos, pois, que há circunstantes obrigatórios. Como no exemplo (10), o circunstante “a uma instituição muito grande” é obrigatório.

Já na teoria apresentada no trabalho de Flämig (1971), acredita-se que o verbo ao comporta-se com diferentes formas sintáticas necessita também de diferentes tipos de complemento, argumento, ocasionando mais de um tipo de transitividade para um mesmo verbo. O que deve ser analisado é o contexto.

Para Helbig (1971), a relação existente entre verbo e termos dependentes é abstrata. A essa relação dá-se o nome de valência.

A fim de entender melhor essa relação deve-se levar em conta três conceitos: (i) a centralidade do verbo numa frase, (ii) os argumentos necessários numa frase, (iii) a correspondência entre os argumentos necessários e os termos oracionais reconhecidos na gramática tradicional.

A partir desses três conceitos, classificam-se os argumentos como: obrigatórios, facultativos e elementos livres.

Os argumentos obrigatórios e facultativos se ligam ao verbo pela valência. Os elementos livres não se ligam ao verbo, por isso podem ser retirados ou acrescentados às frases.

Considerar que há relação entre o sentido de um verbo e seus argumentos permite chamar a valência de lógico-semântica. A ocupação dos espaços vazios numa sentença depende do sentido do verbo naquele contexto.

Já a valência denominada sintática é o nome dado à capacidade que o verbo tem de conceder lugares na frase.

A valência pragmática é determinada pelas intenções comunicativas. De acordo com a intenção do falante, por exemplo, uma sentença pode ter ou não um complemento facultativo, dependerá do grau de informação que quer se passar através da sentença.

À relação entre os elementos de uma sentença dá-se também o nome de predicar. Predicar, em Mira Mateus (1983, p.46), “consiste em atribuir uma determinada propriedade a certo termo ou em estabelecer relação entre termos.”

O predicador (o verbo) determinado é que seleciona o número de argumentos que ocorrem obrigatoriamente na predicação e a relação que seus argumentos mantêm.

Logo, o número de argumentos varia em função do predicador selecionado. Deixando o predicador exigir que apenas um espaço vazio da sentença seja ocupado, chama-se predicador de um lugar; quando exige que dois espaços vazios sejam ocupados, chama-se predicador de dois lugares; e quando três espaços vazios são preenchidos, chama-se predicador de três lugares.

Aos argumentos que preenchem os espaços vazios numa sentença dá-se o nome de argumentos nucleares. Aos argumentos facultativos, ou seja, não exigidos pelo verbo/predicador, dá-se o nome de argumentos opcionais.

Os argumentos nucleares, ou seja, obrigatórios, têm funções semânticas numa estrutura. Os sentidos que podem ser expressos por esses argumentos, segundo Mira Mateus (1983) podem ser:

- Paciente
- Neutro
- Origem
- Objeto
- Experenciador
- Recipiente
- Locativo
- Agente
- Posicionador

Dentre os valores semânticos que podem expressar os argumentos, analisando o verbo 'chegar', percebemos que o sujeito é sempre agente, ou seja, é controlador de um estado de coisas; e seu complemento (quando há) é locativo, pois exprime a localização de uma dada entidade. Este lugar nem sempre é físico, é também um lugar não físico, um ponto, uma posição no discurso.

(11) E garante que não vai esmorecer, prometendo se empenhar a fundo para conseguir o "passaporte" para chegar ao local da competição (Jornal Panorama – 06/02/08 – Fisioculturista de JF busca apoio para disputa mundial no Bahrein – esporte – p11).

O sujeito desinencial "Fisioculturista de JF" é agente, ou seja, é controlador da ação expressa pelo verbo. O complemento é um locativo "ao local da competição". Neste exemplo (11), o verbo *chegar* é um predicador de dois lugares, pois seleciona dois tipos de argumentos para dois espaços vazios. O sujeito agente e o locativo são os argumentos nucleares da sentença (11).

De acordo com Cançado (2005), os papéis representados pelos argumentos são chamados de papéis temáticos.

Os papéis temáticos são atribuídos pelas relações semânticas existentes entre o predicador e seus argumentos. Para cada argumento há um tipo de papel temático. Esta lista é uma tentativa de definir os papéis segundo vários autores.

- Agente
- Causa
- Instrumento
- Paciente
- Experenciador
- Beneficiário
- Objetivo (ou objeto estativo)
- Locativo
- Alvo
- Fonte

O verbo *chegar* atribui ou predica propriedades a argumentos por ele selecionados. Estes termos possuem entre si relações não só sintáticas, mas também semânticas. O verbo analisado sempre subordina a si um argumento com função de sujeito e, na maioria das vezes, seleciona outro argumento como complemento indireto ou locativo. Portanto, *chegar* pode ser considerado monovalente (ao selecionar apenas um argumento) ou bivalente (ao selecionar dois argumentos).

Segundo Neves (2002), a valência é definida como a relação abstrata do verbo com os demais termos que dele dependem. Ou seja, há uma relação entre o valor semântico de um verbo e os termos que são subordinados a ele.

É o verbo que determina o número de argumentos obrigatórios a fim de tornar a sentença completa sintática e semanticamente.

No que se refere à transitividade, Rocha Lima (2003) versa inicialmente sobre o complemento para, assim, classificar os verbos. Com essa abordagem, o autor define da seguinte maneira:

O complemento forma com o verbo uma *expressão semântica*, de tal sorte que a sua supressão torna o predicativo incompreensível, por omissão ou incompleto. Em função do tipo de complemento que requerem para formar uma *expressão semântica*, assim se podem classificar os verbos: intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos relativos, transitivos circunstanciais, bitransitivos. (ROCHA LIMA, 2003, p.340)

Os verbos de movimento se enquadrariam na definição de transitivos circunstanciais. Segundo Rocha Lima (2003, p.252), esses verbos exigem “um complemento de natureza adverbial” e exemplifica com o verbo *ir*, na construção “*Ir a Roma*” e afirma que “a preposição como que forma um bloco com o verbo” e que, neste caso, tem valor de direção.

O mesmo podemos falar do verbo *chegar* ao selecionar um complemento circunstancial. A preposição e o verbo formam um bloco, pois devem ser analisados em conjunto, um em função do outro. Uma classe de palavra reforça o valor sintático-semântico da outra classe. E se tratando do verbo *chegar*, um reforça a idéia de movimento do outro.

(12) Lílian Dahbar **chegou** de Paris, onde passou o réveillon. Ela desembarcou no Rio, e aproveitou para assistir “Alegria”, o novo espetáculo do Cirque de Soleil (Jornal Panorama - 10/01/08 - Douglas Fazolatto – p. 8).

No exemplo (12), *chegar* seleciona como argumentos o sujeito “Lílian Dahbar” e como complemento circunstancial um locativo “de Paris”.

Se retirássemos o complemento circunstancial, de acordo com Rocha Lima (2003), a compreensão da sentença se tornaria difícil. Sem a informação do local de onde o sujeito iniciou sua trajetória, a sentença fica incompleta.

De acordo com o artigo de Santos (2008), um verbo de movimento é bivalente ou bitransitivo, pois sintaticamente seleciona o preenchimento de duas casas argumentais, ou seja, a de sujeito e a de complemento.

Assim, consideramos esses verbos de movimento como transitivos, devido à co-dependência entre verbo e argumento complemento selecionado, embora reconheçamos na literatura especializada opinião contrária.

A autora ainda afirma, em seu artigo, ao analisar a valência de alguns verbos:

Há três níveis de valência: quantitativa ou lógica, qualitativa ou sintática e semântica. Entender-se-á valência lógica como o nível mais geral a respeito do número de argumentos. Assim, teremos itens avalentes, monovalente, divalente, trivalente e tetravalente. Vê-se, respectivamente:

- (3) Chove!
- (4) Meus livros chegaram.
- (5) Maria casou-se com José.
- (6) José trouxe flores para Maria
- (7) João traduziu o resumo do português para o inglês.

Na construção (4), a ocupação da casa da esquerda já é suficiente para que haja compreensão do que está sendo dito. (SANTOS, 2008, p.31)

Discordamos da análise da autora, pois consideramos que só é possível a compreensão do que está sendo dito em (4) porque o alocutário, com certeza, compartilha com o locutário da informação não dita, do complemento suprimido na frase em questão. Ele sabe de onde os livros chegaram e/ou aonde chegaram. Portanto, o verbo chegar é bivalente neste exemplo, porém com o argumento não-expresso e não inexistente.

Em seguida, ainda no mesmo artigo, Santos (2008) conclui:

Numa análise semântica, para além do que disse a gramática tradicional, os verbos de movimento não indicam somente direção. Sintaticamente, eles são verbos que geralmente ocupam duas casas argumentais, por isso divalente, podendo ser trivalentes. (SANTOS, 2008, p.34)

Se, na análise da frase (4), ela considera o verbo chegar monovalente, então, seguindo seu raciocínio, poderíamos afirmar que ele não expressa movimento, pois os verbos de movimento são divalentes ou trivalentes.

Como devemos classificar um verbo quanto à sua transitividade de acordo com o contexto, *chegar* é monovalente quando seleciona como sujeito um termo cujo valor é temporal (dia, noite, tarde, inverno, primavera etc.).

SUJEITO (temporal) + CHEGAR (morfema)

(13) Estamos falando, meus amigos, que o desenvolvimento **está chegando**. Estamos falando que futuro está de volta à Mata mineira! Por tudo isso, restamos dar os parabéns ao Governador Aécio Neves que nos faz reencontrar com a esperança e, nos assegurar, com certeza, de que o futuro **chegou** (Jornal Panorama - 25/01/08 - A privatização de estradas e desenvolvimento – opinião – p2).

Neste exemplo (13), “o desenvolvimento” e “o futuro” expressam valor temporal, por isso o verbo seleciona apenas um argumento para a posição de sujeito, sendo considerado monovalente/predicador de um lugar.

Ao selecionar um termo com valor diferente, ele seleciona também um complemento indireto ou um locativo.

Cançado (2005) analisa os verbos e seus argumentos, considerando os papéis temáticos. Aplicando a proposta da autora aos nossos dados, podemos afirmar que o verbo *chegar* pode atribuir a seus argumentos funções de agente, locativo (alvo ou fonte/origem), alvo.

Considerando, então, as funções de Cançado (2005), como bivalente, a estrutura argumental do verbo chegar pode ser:

SUJEITO (agente) + CHEGAR (morfema) + PREPOSIÇÃO + LOCATIVO

(14) Segundo o supervisor do terminal, o menor, negro, com 1,70m, cabelos curtos e trajando blusa vermelha, camisa preta e descalço, aparentando ter 13 anos de idade, **chegou** ao local sem conseguir falar nada e com ferimentos que, à primeira vista, pareciam ter sido ocasionados por uma

agressão (Jornal Panorama – 07/02/08 - Menor agredido procura ajuda – cidade – p5).

No exemplo (14), os dois lugares vazios são preenchidos por um sujeito (desinencial) agente “o menor” e por um locativo “ao local”.

Ou

SUJEITO (agente) + CHEGAR (morfema) + PREPOSIÇÃO + COMPLEMENTO INDIRETO

(15) Já **chegam** a 5 mil os processos de restituição de mandatos que o Tribunal Superior Eleitoral terá de julgar, a partir deste mês. Partidos que perderam deputados e vereadores para legendas adversárias ou aliadas querem de volta as cadeiras, baseados na decisão do STF de que o que pedem lhes pertence, e não aos que foram eleitos (Jornal Panorama – 08/01/08 – Luta por mandato – opinião – p2).

Neste exemplo (15), o verbo seleciona como sujeito posposto “os processos de restituição de mandatos” e como complemento indireto “a 5 mil”. Neste caso, o verbo tem sentido de alcançar.

Como pode ser observada nas estruturas, a preposição faz parte do sistema de transitividade do verbo *chegar*, desempenhando uma função sintática e semântica. A preposição não é selecionada quando o verbo é monovalente, pois não seleciona complemento locativo/indireto.

Quando o sujeito e o complemento são expressos, normalmente é porque apresentam informação nova. Caso o sujeito ou o complemento possa ser retomado pelo contexto eles podem estar não-explicitos (\emptyset) e o sujeito pode ainda ser pronominal.

(16) Nova Zelândia/EUA (2007) - Terror - Direção: David Slade. Com Josh Hartnett. Grupo de vampiros **chega** a uma pequena cidade do Alasca durante

o inverno, quando o local fica na mais completa escuridão por 30 dias. 18 anos. Alameda 2 - 19h15min, 21h40min (diariamente). 3217-0600oram citados anteriormente (Jornal Panorama - 7/01/08 – 30 dias de noite - Salada mista – p9).

Neste exemplo (16), o sujeito “grupo de vampiros” e o complemento circunstancial de lugar são mencionados, porque trazem uma informação nova, não foram citados anteriormente.

(17) Depois de receber denúncia, a PM foi até a residência. Ao **chegar**, foi constatado que C. B. S., de 10 meses, L. D. B. S., de 2 anos, e A. B. S., de 5, estavam na residência sob os cuidados do irmão, N. D. B. S., de apenas 8 anos (Jornal Panorama - 18/01/08 – Mãe é acusada de abandonar filhos em casa – cidade – p5).

Neste exemplo (17), o sujeito de chegar “a PM” e o complemento locativo “até a residência” estão não-explícitos (\emptyset), porque ambos já foram citados anteriormente. São informações dadas.

Concluimos este subcapítulo com uma citação:

“A valência é quase exclusivamente tratada como propriedade dos verbos, assim como toda a questão da predicação é, em geral, discutida em relação a um núcleo verbal... Entretanto, sabe-se que a gramática da frase das línguas naturais dispõe de um conjunto de regras para a estruturação da língua. Na organização sintático-semântica da frase, uma teoria de predicados prevê um esquema de valências, uma estrutura em que um predador ou núcleo predicativo abre lugar(es) que deve(m) ser preenchido(s) por participante(s), definindo uma relação que se equaciona em uma matriz definitória dentro do sistema.” (NEVES 2002, p.115)

2.2 Preposição

Iniciaremos nosso breve estudo a respeito da classe gramatical “preposições”, pela etimologia da palavra **preposição**, que é uma palavra de origem

latina, formada por *prae* e *positio*, que nada mais significam ao se ajustarem do que aquilo que está posicionado à frente.

Tal característica das preposições pode ser observada quando essas aparecem logo após verbos, substantivos e adjetivos precedendo sintagmas nominais ou mesmo orações que vêm precedidas por essa classe de palavras e formam com estas um sintagma preposicionado.

O estudo das preposições nas gramáticas, atualmente, tem sido feito a partir de uma curta lista, na qual é explicitada em poucas linhas seus usos e sentidos, sempre sobre o mesmo enfoque de que preposições são “palavras que ligam palavras” e nada mais, ao passo que suas reais funções sintáticas e semânticas vão bem mais além da simples ligação entre palavras como podemos observar pelas palavras de Castilho, no volume II da *Gramática do Português Culto falado no Brasil*, “se a preposição servisse apenas para estabelecer uma relação entre dois termos, a língua poderia contentar-se com uma única preposição, já que sua função seria sempre a mesma. Mas não é isso o que ocorre.”

O trecho acima deixa clara a noção de que a categoria das preposições é dotada de alto caráter semântico, e não deve, por isso ser vista como um elemento “vazio de sentido”, uma vez que numa mesma construção oracional, uma simples troca da preposição por outra preposição faz com que todo o sentido da oração seja alterado. E uma vez dotadas de sentido podem exercer relações de tempo, espaço, lugar, meio, duração e outras.

Observando as preposições sob a perspectiva de seus diversos sentidos, devemos trabalhá-los tendo em vista não uma relação homonímica, mas sim uma relação polissêmica, em que uma mesma preposição poderá ter significados diversos, mantendo sempre o significado original por trás do novo significado.

As preposições podem se tornar ainda mais complexas quando a visualizamos a partir do seu caráter funcional, em que, além de ligar palavras, elas ainda podem ligar sentenças, exercendo assim a função de conectivo entre duas orações, o que torna essa classe de palavras mais do que um “instrumento gramatical”.

Na *Gramática do Português Culto falado no Brasil, volume II*, é apresentada uma interessante pesquisa de ordem quantitativa a respeito do uso das preposições na qual se constata um uso muito desigual da categoria. O uso das preposições *de*, *em*, *para* e *a* correspondem sozinhas a 80% do total de ocorrências pesquisadas,

enquanto que os outros 20% é dividido entre as preposições de menor frequência, *com*, *por* e *até*, que somam juntas 15,2%, e os outros 4,2% é dividido entre as demais preposições que não ultrapassam 1% do total.

As preposições que ocorrem em maior frequência são justamente aquelas que são mais usadas pelos falantes em suas construções, que é o caso das preposições *a*, *de*, *em*, *para* e *com*. Em contrapartida, além das quatro preposições, temos as preposições *após*, *contra*, *fora*, *sob*, *sobre* e algumas outras ainda menos utilizadas.

Para começarmos a situar melhor a preposição, podemos classificá-la como integrante de uma classe de palavras dita “fechadas”, como é bem explicada na *Gramática do Português Culto falado no Brasil* “... a classe das preposições é avessa a receber membros novos, não se criam preposições novas o tempo todo”.

Dada a explicação, entendemos então que a classe das preposições, bem como a dos *artigos*, *pronomes* e *conjunções* formam um grupo fechado. Porém, mesmo reconhecendo o caráter estável dessas classes não podemos deixar de pensar que essas classes sofreram modificações até chegarem ao estágio em que estão hoje, uma vez que na passagem do latim até o português de hoje houve mudanças, ganhos e perdas de membros da classe das preposições, ainda que essas mudanças ocorram de maneira lenta.

Uma vez que *preposições*, *artigos*, *pronomes* e *conjunções* são encaixados em uma classe dita “fechada”, os *substantivos*, *adjetivos* e *verbos* serão encaixados em uma classe dita “aberta”, já que a possibilidade dessas classes de criação de novos membros é grande, e não ocorrem de maneira lenta, como nas classes fechadas. E essa criação de novos membros, principalmente nos “verbos”, é visível a todo o momento.

Para começarmos a visualizar melhor a categoria das preposições é importante citarmos que *de*, *em*, *para*, *a* e *com* são itens mais avançados no processo de *gramaticalização* dessa categoria, o que justifica o maior número de ocorrência de tais preposições na pesquisa já citada. E, por serem mais *gramaticalizadas*, podemos encontrar tais preposições em construções sintáticas mais complexas, e menos funcionais, como muitas gramáticas acreditam ser o papel das preposições.

Uma vez *gramaticalizadas*, as preposições podem exercer não só sua função *relacional*, mas também a função gramatical de introduzir argumentos em

sintagmas nominais, verbais e adjetivais e ainda juntarem-se a itens de outras classes de palavras como artigos, pronomes e outros, formando um novo item lexical.

Uma preposição, ao exercer a função de introdutora de argumento, pode se tornar um item lexical necessário ou não, juntamente com a construção que será relacionada, se esta se tratar de um adjunto ou de um complemento. Isso acontece, porque o sintagma preposicionado formado por um adjunto somente vai estilizar a construção principal anterior, não acarretando em nenhum problema a sua retirada. Já o sintagma preposicionado formado por um complemento, seja de substantivo, de adjetivo, de advérbio ou de verbo, é essencial para o entendimento de toda a sentença, não podendo ser assim retirado da sentença.

Torna-se interessante ressaltar, que, dependendo do processo pelo qual será introduzido um argumento, quer pela complementação, quer pela adjunção, uma ou outra preposição será mais utilizada que outras, normalmente as mais gramaticalizadas, com *de* e *em*, o que só ratifica a idéia de que as preposições não são vazias de sentido, pois cada qual possui o seu valor semântico e sintático próprios.

Para que haja uma melhor visualização e para que comecemos a estudar cada preposição mais adiante, abaixo apresentaremos um quadro demonstrativo, retirado do estudo sobre preposições da *Gramática do Português Culto falado no Brasil*, que separa em duas colunas, em ordem crescente de gramaticalização as preposições, que vão desde a menos gramaticalizada, *contra*, até a mais gramaticalizada, que é a preposição *de*.

Menos gramaticalizadas	Mais gramaticalizadas
contra < sem < até < entre sobre sob	Por < com < a < em < de para

Anteriormente, dissemos que, para termos uma melhor visualização das funções semânticas das preposições, era indispensável observá-las a partir de uma relação polissêmica, uma vez que tal categoria, em menor ou em maior grau,

dependendo da preposição, sofre um sistemático processo de gramaticalização, tornando-se capazes de, em maior ou em menor grau, possuírem os mais variados sentidos quando utilizadas com este ou aquele item lexical.

Mas já que uma mesma preposição pode assumir ou introduzir papéis semânticos tão variados, cada novo uso de uma preposição poderia gerar um problema de entendimento para o falante, o que não ocorre, já que a polissemia se tornou rotineira no uso da língua pelos falantes, e por isso nos saímos tão bem e não recorremos em erro na escolha da preposição que será utilizada em cada contexto, uma vez que cada falante possui um conhecimento nativo de sua língua, e mesmo intuitivamente, sabe que uma mudança da preposição pode alterar o sentido de um verbo, como é o caso do *chegar*, tema da presente dissertação.

Originalmente, todas as preposições partiram de um sentido espacial, e no decorrer de sua gramaticalização foram tomando posse dos diferentes sentidos que encerram hoje. Assim, partindo da noção de espaço, podemos classificar as preposições dentro de quatro esquemas espaciais que foram propostos, *o esquema do trajeto, o esquema de em cima/ embaixo, o esquema da caixa e o esquema da ligação*.

No *esquema do trajeto* estão enquadradas as preposições que evocam a idéia de deslocamento do elemento, em que estão presentes as preposições *de, desde, por, a, para, até*. Ou ainda as preposições que evocam a idéia de posição do elemento, *ante, perante, entre, após, trás*.

Já as preposições *sobre* e *sob* emitem a idéia do próprio nome do esquema, *em cima/embaixo*.

Somente a preposição *em* faz parte do *esquema da caixa*, que designa aquilo que está dentro, que pertence ao elemento da ligação.

No *esquema da ligação*, que tem como característica a presença simultânea num mesmo espaço, *com*, ou a ausência, *sem*.

Tal demonstração dos esquemas nos quais se encaixam as preposições nos permite pensar nas preposições exercendo seu papel de predicadores, ao relacionar dois termos, um anterior e um posterior, por meio das noções de espaço supra-citadas, em que cognitivamente utilizamos uma ou outra preposição, de acordo com a informação que será transmitida pelo falante.

Relacionam-se com o verbo *chegar*, nos dados coletados, as preposições *a*, *de*, *em*, *até*. Todas essas relacionadas com o verbo de movimento em estudo são empregadas designando não somente lugar físico, mas também lugar não físico.

As preposições *a*, *em*, *até* focalizam lugar/meta e a preposição *de* focaliza lugar/origem.

De acordo com Bechara (2003), a preposição *em* não se deve relacionar com *chegar* para indicar lugar, porém, na análise dos dados, observamos que a frequência com que se usa essa preposição com o verbo é relevante.

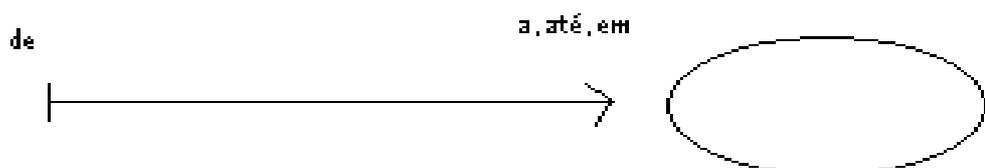
No estudo da variação entre as preposições *a* e *em*, Farias (2006) afirma:

eu advogo que a variação entre *a*, *para* e *em* em frases construídas com verbos do tipo “ir” e “chegar” não deve ser tratada como “formas diferentes de se dizer a mesma coisa”, pois, como ficará neste trabalho explicitado, essa variação constitui um caso de variação léxico-sintática, haja vista que a mudança de uma preposição por outra nos contextos dados não só implica uma subespecificação do termo locativo, como também salienta propriedades predicativas distintas dos verbos envolvidos nessas construções no PB e no PE (FARIAS, 2006, p.216).

Concluimos então que o falante opta por uma ou outra preposição, levando em consideração o complemento locativo. Segundo Mollica (1996), usa-se a forma “em” quando o lugar é [+definido] e/ou [+fechado].

A preposição *em* tem origem na preposição latina *in*, que significava “localização dentro de” ou “deslocamento em direção a”. Já a preposição *a* origina-se da latina *ad* e significava “direção, movimento para algum ponto, aproximação”. Portanto é aceitável a escolha do falante pela preposição *em* em lugar da preposição *a* quando o espaço/meta físico ou não for mais definido e fechado.

Podemos concluir com o seguinte esquema:



Todas as preposições que se relacionam com chegar fazem parte do seu sistema de transitividade, ou seja, elas introduzem um complemento locativo ou objeto indireto.

A seguir, faremos uma breve análise das preposições que se relacionam com o verbo em estudo, aplicando a proposta de Castilho, *na Gramática do Português Culto falado no Brasil, volume II*.

2.2.1 A preposição **DE**

No quadro demonstrativo da gramaticalização das preposições, o *de* é a mais gramaticalizada, portanto pode exercer funções mais complexas, como estabelecer relações referentes a tempo, espaço, procedência e outras, agindo como introdutora de argumentos, e ainda a *de* contrair-se a outros itens lexicais, formando um novo item como o *da* (*de + a*).

Mediante a sua capacidade de introduzir argumentos de verbos, ou seja, agir ativamente na transitividade verbal, será apresentado a seguir seus usos mais correntes dentro de uma visão funcional:

A) A preposição age na predicação de *verbos dinâmicos*, tendo o complemento se referindo a um *ponto de origem*:

- afastamento
- saída, ou partida
- separação
- origem
- liberação
- desapropriação
- transformação
- proveito
- desejo

- triunfo
- defesa
- ressarcimento
- abatimento
- inferência
- renúncia

Dentre esses nexos semânticos, fazendo parte da predicação do verbo chegar, a preposição *de* significa *saída, origem*.

Como atentamos sempre para a polissemia nas relações realizadas por preposições, a seguir apontaremos algumas ocorrências da preposição *de*, com uma perspectiva semântica:

B) A seguir listadas as relações realizadas por *de* mediante a predicação de verbos–dinâmicos, em que o complemento se refere à idéia de *origem*.

- necessidade
- distância espacial
- distância temporal
- descrença
- dependência
- discrepância

C) A seguir, apresentaremos ocorrências da preposição *de* como predicadora de verbos *dinâmicos*, que receberão complemento que vai se referir a *chegada/meta*, com idéia de *aproximação*.

D) Argumentos introduzidos pela preposição *de* que se referem ao *objeto de uma ação* ocorrem com verbos que transmitem a ideia de:

- encargo
- cuidado
- abuso
- apropriação
- desconsideração
- vingança
- elocução
 - referência
 - zombaria
 - vanglória

E) A preposição *de* pode agir como introdutora do *agente da passiva*, no lugar da preposição *por*.

F) Quando o complemento precedido pela preposição *de* se refere ao *instrumento de uma ação*, a predicação ocorre a partir de verbos *dinâmicos* que exprimem a ideia de *utilização*.

G) Verbos-*dinâmicos* que encerram ideia de *composição* utilizam a preposição *de* para se ligar a um argumento referente à *matéria*.

H) O complemento de verbo que possui a ideia de *sensação* é inserido pela preposição *de* se referindo à *causa de um evento*.

I) Se a preposição *de* irá anteceder um argumento com ideia de finalidade, o verbo que sofre a predicação indicará *utilização*.

J) A preposição *de* pode relacionar complementos, em muitos casos oracionais, referente *ao conteúdo de uma ação* ou *estado*, com verbos *dinâmicos*, no infinitivo, que podem, ainda, indicar:

- simulação
- proibição
- deliberação
- cumulação

K) Ao se referir ao conteúdo de uma elocução, a preposição *de* agirá como predicadora de um argumento, por vezes oracionais, de verbos com função semântica de:

- aviso
- persuasão

L) *De* vai ligar argumentos, que poderão ser orações, referentes a um objeto de uma experiência, a verbos dinâmicos com sentido de:

- julgamento
- conhecimento
- certificação
- percepção
- sentimento
- participação
- lembrança / esquecimento

M) A preposição *de* atua na predicação de *verbos–dinâmicos*, introduzindo complementos se referindo a sentimento.

Como atentamos sempre para a polissemia nas relações realizadas por preposições, a seguir apontaremos algumas ocorrências da preposição *de*, com uma perspectiva semântica.

Dentro de **sintagmas verbais**:

A) A preposição de pode transmitir a idéia de *Especificação*

B) A preposição de pode encerrar idéia de *Circunstanciação* de:

- modo
- lugar
 - no espaço
 - ponto inicial, no espaço
 - origem
- tempo ou aspecto
 - localização no tempo
 - datação, horário ou idade, marcados por um ponto inicial
- instrumento
- causa
- consequência
- matéria
- limite inferior
- posição
- verificação
- intensidade
- negação

(18) Quem também **chegou** de Cabo Frio foi Kelly e Marco Antônio Coelho, que hospedaram a irmã dele, Lídia Coelho Leão, que mora em Maceió (Jornal Panorama - 17/01/08 – Douglas Fazolatto – p8).

Neste exemplo (18) selecionado dos dados analisados, podemos notar que a preposição *de* introduz, no sintagma verbal, um complemento circunstancial de lugar indicador de origem. “Cabo Frio” indica o local de onde o sujeito, selecionado pelo verbo, “Kelly e Marco Antônio Coelho”, saiu; ou seja, o ponto inicial da trajetória percorrida pelo sujeito.

2.2.2 A preposição **EM**

Em é a segunda preposição na ordem das preposições mais gramaticalizadas, estando atrás somente da preposição *de*. E, por esse motivo também pode exercer diferentes funções sintáticas e semânticas, e ainda se juntar a outras palavras, formando apenas uma, como *na* (*em + a*).

A preposição *em* possui a capacidade de introduzir argumentos de verbos, ou seja, agir ativamente na transitividade verbal. A partir de agora serão apresentados os usos mais correntes dentro de uma visão funcional da preposição *em*.

A) A preposição *em* insere complemento referente a algo ou ser que recebe novo estado;

B) *Em* introduz complemento que se refere ao resultado de uma transformação;

C) Pode ser introduzido pela preposição *em* complemento indicando colocação de um objeto ou ser;

D) É introduzido por *em* argumento referente a situação de envolvimento;

E) *Em* insere complemento indicador de alvo atingido;

F) A preposição *em* introduz argumento indicando conformidade com determinada situação;

G) É inserido pela preposição *em* argumento de verbo que seja alvo de uma alusão;

H) *Em* insere argumento que indica atividade que gasta certo período de tempo;

I) Complemento contendo manifestação de crença/descrença pode também ser introduzido pela preposição *em*;

J) *Em* acrescenta complemento que indica aquilo que sofre o toque ou a intervenção;

K) A preposição *em* pode inserir argumentos que expressem finalidade;

L) O complemento predicado pela preposição *em* pode indicar aquilo a que alguém ou algo se apoia;

M) Um objeto de referência pode ser inserido por *em*.

Atentando, novamente, para a polissemia existente nas relações realizadas por preposições, a seguir apontaremos algumas ocorrências da preposição *em*, com uma perspectiva semântica, como já foi anteriormente feito com a preposição *de*.

Dentro de **sintagmas verbais**:

A) A preposição *em* pode pertencer a uma relação de *circunstância* referente a LUGAR/ONDE em duas acepções:

- Sem ideia de movimento

I – Lugar onde algo ou alguém se localiza, relação semântica de superfície;

II – Lugar dentro do qual algo ou alguém se localiza, relação semântica de interioridade;

III – Lugar, que não se localiza nem dentro nem fora de limites determinados, relação semântica de no meio de/entre;

- Com ideia de movimento

I – Lugar, sobre o qual algo ou alguém se localiza, relação semântica de superfície;

II – Lugar que se torna um ponto de contato, relação semântica de toque;

III – Lugar ao longo do qual algo se desloca, relação semântica de contiguidade.

B) A preposição *em* pode pertencer a uma relação de *circunstância* referente a TEMPO:

- Marcação exata de tempo. O complemento inserido pela preposição marca o evento com duração de tempo específica;

- Marcação de um período de tempo. O argumento predicado pela preposição indica a duração do evento;

- Marcação de um período limitado de tempo. O complemento inserido pela preposição é marcado por um quantificador.

- O complemento preposicionado encerra o tempo gasto na duração de um evento enquanto este ocorre.

A preposição *em*, no exemplo (19), insere um locativo “na minha conta”, um complemento circunstancial referente a lugar/onde com ideia de movimento; lugar para onde o referente se deslocar.

2.2.3 A preposição **A**

No quadro demonstrativo da gramaticalização das preposições, a preposição *a* ainda pode ser considerada bem gramaticalizada, estando atrás somente das preposições *de* e *em*. Assim como elas, *a* também pode exercer funções mais complexas, como estabelecer relações referentes a tempo, espaço, procedência e outras, introduzindo complementos, os mais variados.

A seguir serão enumeradas as funções e usos mais típicos da preposição *a*, referentes à sua capacidade de predicação verbal:

A) O argumento inserido pela preposição *a* ao se referir a um ponto de *chegada/meta*, liga-se a *verbos dinâmicos* quando esses encerram as seguintes ideias:

- aproximação
- adição
- ligação
- ajuste
- adesão
- comparação
- movimento em direção a um lugar
- aliciamento
- convocação
- restrição

- diminuição
- expansão
- Requerimento de posição

B) O argumento inserido pela preposição *a* ao se referir a um ponto de *chegada/meta*, liga-se a *verbos não dinâmicos* quando esses encerram as seguintes ideias:

- inclinação
- vinculação
- restrição
- comparação

C) O argumento inserido pela preposição *a*, ao se referir a um ponto de *origem*, pode ligar-se a *verbos dinâmicos*, indicadores de *distanciamento*, ou a *verbos não dinâmicos*.

D) A preposição *a* é utilizada na inserção de argumentos não afetados pela ação de *verbos dinâmicos* indicadores de:

- referência
- presençação
- correspondência
- sequenciação
- obediência
- conformação
- recusa
- resistência
- condicionamento

- submissão

E) A preposição *a* é utilizada na inserção de argumentos não afetados pela ação de *verbos não dinâmicos* indicadores de:

- correspondência
- propriedade
- oposição

F) *A* introduz complemento contendo o receptor da ação verbal de verbos dinâmicos que apontem:

- elocução
- comunicação
- requerimento
- promessa
- instrução
- indagação
- resposta
- ordem
- confissão
- agradecimento
- negociação
- entrega
- delegação

G) O beneficiário de uma ação pode ser ligado pela preposição *a* a *verbos dinâmicos* que caracterizam:

- oferta
- favorecimento
- atribuição

H) O beneficiário de uma ação pode ser ligado pela preposição *a* a verbos *não dinâmicos* que caracterizam:

- conveniência
- posse
- carência
- dívida

I) *A* liga verbos com idéia de satisfação, complemento referente ao experimentador de um *estado*.

J) A preposição *a* pode introduzir complemento *causativo*.

K) A preposição *a* pode introduzir complemento indicando *finalidade*, ocorrendo geralmente como orações no infinitivo, com verbos dinâmicos que indiquem:

- destinação
- favorecimento
- chamada
- indução
- disposição

L) A preposição *a* pode introduzir complemento indicando *finalidade*, ocorrendo geralmente como orações no infinitivo, com verbos *não dinâmicos* que indiquem *destinação* ou *adequação*.

M) *A* introduz argumento que pode ser *afetado* ou *efetuado* pela ação verbal.

N) A preposição *a* acrescenta complemento locativo a verbos dinâmicos que apontem mudança de lugar.

O) A preposição *a* equivale a *em* ao inserir complemento locativo indicando situação a verbos dinâmicos.

A polissemia nas relações realizadas por preposições, é algo que não deve deixar de ser mencionado, e por isso, a seguir apontaremos algumas ocorrências da preposição *a*, com uma perspectiva semântica:

Dentro de **sintagmas verbais**:

A preposição *a* pode sugerir a ideia de circunstanciação:

- de *tempo*
- de lugar
- de proximidade
- de exposição
- de instrumento
- de modo
- de causa
- de conformidade
- de assunto
- de limite superior

- de limitação
- de preço
- de fim
- de marcação de movimento ou tempo
- de condição

Dentro de **perífrases verbais**, formadas com infinitivo estabelecem relação semântica de:

- A) mudança de estado
- B) início de processo
- C) consecução
- D) Continuidade
- E) repetição de ação

(20) Outra lapiseira, da marca Pentel, apresentou o índice de 602,05%, de uma loja para outra. Já as canetas Bic **chegam a variar** até 498%, de uma papelaria para outra. Em algumas lojas, o item custa R\$ 0,50, enquanto **chega** a R\$ 2,99 em outra (Jornal Panorama - 15/01/08 – Variação de preço atinge até 1680% – cidade – p6).

Neste exemplo (20) selecionado, a preposição *a* denota dois valores distintos em contextos também distintos. Na perífrase “chegam a variar”, a preposição estabelece uma relação semântica de mudança de estado, reforçando o sentido de movimento do verbo em estudo. O sujeito sofre mudança em seu estado inicial no contexto, as canetas BIC sofreram alteração no preço. No segundo exemplo, a preposição insere o complemento indireto indicador de preço “a R\$ 2,99”.

2.2.4 A preposição **ATÉ**

No quadro demonstrativo da gramaticalização das preposições, a preposição *até* não pode ser considerada tão gramaticalizada quanto as três últimas preposições estudadas *de*, *em* e *a*. Não exerce funções tão complexas como as outras três, estabelecendo somente as relações de espaço e tempo, expressando a idéia de limite final. E ainda, é incapaz de amalgamar-se.

A partir de uma perspectiva funcional, a preposição *até* insere complemento locativo, ligando ao verbo argumento indicativo de limite.

Já, através de uma perspectiva semântica, dentro de sintagmas verbais, *até* pode exprimir circunstanciação de *lugar* e de *tempo*.

(21) No local foram encontrados talões de cheque da firma fria, cópias de documentos de ex-sócios, cuja autenticidade será verificada, e uma cópia em branco de um espelho de carteira de identidade. De acordo com o delegado José Geraldo Andrade Felizardo, a Polícia Civil **chegou** até os golpistas através de denúncia anônima (Jornal Panorama - 10/01/08 – Polícia abre inquérito para investigar empresa laranja – cidade – p5).

A preposição *até*, no exemplo (21), insere um complemento circunstancial de lugar “até os golpistas”, indicando o fim da trajetória do sujeito “a Polícia Civil”.

Essa classe de palavras, como podemos verificar após as observações, vai muito além de ligar e relacionar palavras entre si. Retomando a assertiva de Castilho, se fosse assim,

se a preposição servisse apenas para estabelecer uma relação entre dois termos, a língua poderia contentar-se com uma única preposição, já que sua função seria sempre a mesma. Mas não é isso o que ocorre. A sentença *Cheguei em Recife* é completamente diferente (na verdade é o oposto) da sentença *Cheguei de Recife*, e é precisamente a preposição o elemento que acarreta a mudança de sentido. Essa é uma das razões para não considerar a preposição como um “mero instrumento gramatical”, “vazio de sentido” (CASTILHO, 2008)

Podemos afirmar, então, que as preposições *de* e *em*, por exemplo, relacionam termos, possuem valor semântico de lugar, contudo são totalmente diferentes entre si, *de* focaliza o lugar/origem e *em*, o lugar/meta.

Concluimos esse capítulo afirmando que o falante é o responsável pela escolha da preposição que inserirá o complemento locativo ou o complemento indireto do verbo chegar. Dependerá, contudo, no que ele pretende focalizar: se pretende focalizar meta/lugar para onde/ponto de chegada, as preposições escolhidas são *a*, *em*, *até*; se pretende focalizar origem/ponto de partida/lugar de onde, a preposição escolhida é *de*.

Além disso, entre as preposições *a* e *em*, indicadoras de lugar em direção aonde o sujeito se move, o falante tende a escolher *em* para os locais que ele considera mais definidos/fechados e *a* para os lugares mais abertos.

3 AUXILIAR

A língua é dinâmica e a utilizamos para nos comunicar satisfatoriamente, por isso ela está em constante mudança. Uma dessas mudanças é quando um verbo passa de uma categoria gramatical para uma mais gramatical ainda.

O verbo auxiliar é aquele que se antepõe ao verbo principal, exprimindo pessoa, número, tempo, modo e aspecto. O auxiliar faz parte das perífrases verbais juntamente com um verbo em sua forma nominal de gerúndio, particípio ou infinitivo. Entre os verbos pode aparecer ou não uma preposição. Numa perífrase é o verbo auxiliar que sofre flexão de número, pessoa, tempo e modo.

O auxiliar associa-se a um morfema o qual concordará em número e pessoa com o sujeito da perífrase e indicará o tempo e o modo verbal da informação que o verbo não finito carrega.

Para considerarmos uma perífrase, devemos levar em conta alguns aspectos: (i) impossibilidade de desdobramento da oração, ou seja, o auxiliar e o pleno fazem parte da mesma oração, formam um único sentido; (ii) existência de um único sujeito, responsável pelos dois verbos; (iii) detematização, que seria o esvaziamento semântico do auxiliar. Seguindo esses critérios, verificaremos se o verbo *chegar* sucedido de infinitivo é realmente um auxiliar.

A perífrase formada pelo verbo chegar acrescido da preposição a e de um verbo pleno no infinitivo também foi objeto de pesquisa de Ferreira (2008):

Entendemos que a auxiliaridade é o resultado de um processo de mudança lingüística, chamado gramaticalização. É por meio desse processo que encontramos a origem de verbos auxiliares, uma vez que estes são resultados de mudanças pelas quais passaram verbos plenos. Os verbos plenos, também chamados *lexicais* e *conceituais*, portanto, derivam os verbos auxiliares, que sustentam verbos principais nominalizados e expressam categorias gramaticais, como Tempo, Aspecto, Voz, Modo (FERREIRA, 2008, p.127).

Segundo Heine (1993), entre o verbo auxiliar e o verbo pleno, há uma forte ligação, há uma relação de dependência, na qual o auxiliar é subordinado, coordenado pelo verbo principal/pleno. Por isso os auxiliares constituem uma categoria diferente do verbo principal, constituem uma subclasse da classe de palavra verbo.

O verbo, ao formar uma perífrase verbal, tornando-se um auxiliar, pode manter seus valores ou adquirir novos. Isso quer dizer que, ao se tornar auxiliar, houve um processo de gramaticalização, pois um elemento lexical se transformou num elemento gramatical. Neste processo, o verbo pode sofrer modificações em seu sentido original, modificações semântica, sintática e/ou fonológica. Não há, contudo, necessidade de sua forma original deixar de existir, as duas formas podem coexistir no mesmo sistema linguístico.

Pontes (1973), levando em conta apenas o critério sintático do verbo auxiliar afirma:

Parece-nos que, se dizemos que o auxiliar é o verbo que na locução verbal perde seu significado próprio, que é um verbo secundário, cujo papel é auxiliar apenas o verbo principal na formação da conjugação composta, servindo para indicar tempo ou aspecto, não podemos, ao mesmo tempo, classificá-lo com base num significado que dizemos não ter (Pontes, 1973, p.36).

Discordamos da afirmação, pois o sentido, o valor semântico do verbo *chegar*, em perífrases verbais, não se perde por completo. Há um “enfraquecimento lexical”, mas não a perda total de seu sentido original. Acreditamos que a persistência semântica pode ser verificada no verbo *chegar*.

O fato de o verbo *chegar* não ter perdido seu sentido original nos permite incluí-lo na classificação dos semi-auxiliares que, segundo Heine (1993, p.15):

Quasi-auxiliaries may be characterized as verbs that in most respects behave like full verbs but, when governing nonfinite (participial, gerundival, infinitival, etc.) verbs, tend to assume a grammatical ‘formulaic’ function (cf. Twadell 1963). These include the catenatives of Palmer (1974), ‘verbs of temporal aspect’ of Emonds (1976), ‘aspectualizers’ of Freed (1979), or the ‘semi-auxiliaries described by Green (1982) for the Romance languages, ‘often verbs of motion, which serve as passive auxiliaries in a more or less grammaticalized state while retaining most or all of their lexical properties in other contexts (HEINE 1993, p.15).

De acordo com essas observações, classificamos o verbo em análise, que se encontra em processo de gramaticalização, como semi-auxiliar pois, nas

perífrases verbais, é um auxiliar semântico, um contribuinte para a definição do aspecto. Trataremos dessa definição mais adiante.

3.1 Gramaticalização

Bybee (1994), no capítulo introdutório de “The evolution of grammar”, apresenta um estudo feito em diversas línguas, demonstrando que todas passam por processos de mudança. Ou seja, categorias de uma determinada língua, com o passar do tempo, modificam-se e podem até perder seu sentido/uso original. A este fenômeno, dá-se o nome de Gramaticalização.

Galvão (2001) investiga a relação entre gramática e cognição, que é uma proposta funcionalista. Por isso, o foco da autora abarca a abstração metafórica, processo cognitivo que serve para ajudar o ser humano a conceituar as coisas do mundo.

Gramaticalização, portanto, é uma mudança lingüística, na qual um item lexical começa a desempenhar funções gramaticais ou mais gramaticais ainda. Há uma migração de uma categoria para outra.

Entretanto, o item original não precisa perder-se, podendo coexistir com a nova função que está sendo utilizada. O papel do lingüista, então, é mostrar como um determinado item assumiu outra função, diferente da original e qual o processo passado pelo mesmo. Para isso, além de estudos sincrônicos, são também importantes os estudos diacrônicos, já que um dos objetivos é entender todo o processo de gramaticalização.

Segundo Galvão (2001), a metáfora e a metonímia são fatores que motivam a gramaticalização. Há, nesses processos, uma extensão do significado original da palavra ao novo significado. Sobre isso também se pode afirmar que há uma unidirecionalidade, pois a extensão do significado vai de um nível mais concreto a um nível mais abstrato e do mais específico para o mais geral, sendo que o concreto e o abstrato podem coexistir no mesmo sistema lingüístico. Ocorre, portanto, no processo de gramaticalização, uma mudança semântica, sintática e/ou fonética do item.

Nesse mesmo processo, a metáfora age em conjunto com a metonímia, sendo aquela no eixo vertical ou paradigmático e esta no eixo horizontal ou sintagmático. Não se deve analisar aqui a metáfora e a metonímia como figuras de linguagem tradicionalmente estudadas, mas sim como extensão de significados lexicais para expressar conceitos mais abstratos.

Não se pode afirmar que a frequência seja um fator que causa a mudança de determinado item. Contudo, pode-se afirmar que os itens gramaticais tendem a ser menores do que os itens lexicais, devido a uma possível redução fonética / fonológica, causada muitas vezes pelo constante uso daquele item. Por isso, a frequência deve ser vista como um dos fatores que também desencadeiam esse processo.

Vale ressaltar que a mudança pela qual alguns itens do sistema linguístico passam não é de forma abrupta, mas gradual. Por ser gradual, há certa dificuldade de os linguistas que estudam esse processo de gramaticalização situarem as formas em pontos precisos de todo o processo.

O processo de gramaticalização pode ser percebido em todas as línguas envolvendo qualquer função gramatical. Temos nesse processo itens lexicais e construções sintáticas passando a assumir funções relacionadas à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. O item sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixando de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. Em geral, as consequências são a emergência de uma nova categoria gramatical ou a perda de uma categoria já existente.

Uma característica básica da gramaticalização é que ela é um processo unidirecional: certos elementos assumem, em determinados contextos, funções gramaticais e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver outras funções gramaticais.

3.1.1 Princípios da gramaticalização

Hopper (1991) postulou alguns princípios que, segundo ele, caracterizam os estágios iniciais da gramaticalização:

1) **Estratificação:** o surgimento de novas estruturas (*layers*) coexiste com outras mais antigas. As formas antigas não desaparecem imediatamente e conseqüentemente passam a interagir com as emergentes.

2) **Divergência:** a forma original de determinada palavra que sofreu gramaticalização pode, ainda, permanecer na língua e passar pelas mudanças de um item lexical qualquer. Ou seja, a divergência é considerada um aspecto oriundo da estratificação, uma vez que também há uma coexistência de formas dentro do sistema. Passam a existir, simultaneamente, as formas novas e as formas originais, sendo estas últimas autônomas e suscetíveis a mudanças.

3) **Especialização:** nuances semânticas diferentes de uma variedade de formas podem sofrer uma redução, e um número menor de formas assumir significados gramaticais mais gerais.

4) **Persistência:** a forma após passar pelo processo de gramaticalização, continua com vestígios de seu significado original e particularidades de sua história podem ser refletidas sobre sua distribuição gramatical.

5) **Decategorização** (ou Descategorização): após o processo de gramaticalização, há na forma uma perda de traços de categorias primárias como nome e verbo que passam a assumir traços de categoriais secundárias, como adjetivo e preposição.

É importante destacar que esses princípios não ocorrem de forma isolada e absoluta. Nos fenômenos já investigados, observou-se um predomínio maior ou menor desses princípios.

Já LEHMANN (1991) apresenta uma tipologia característica de processos mais avançados de gramaticalização:

1) *Paradigmatization*: tendência de as formas gramaticalizadas constituírem paradigmas.

2) *Obligatorification*: formas opcionais tornam-se obrigatórias.

3) *Condensation*: encurtamento das formas;

4) *Coalescence*: formas adjacentes que se aglutinam.

5) *Fixation*: ordens lineares livres que se tornam fixas.

Quando o processo ainda não está óbvio, há problemas em se identificar as etapas preliminares.

3.1.2 Mecanismos

Hopper & Traugott (1993) destacam, entre os mecanismos que regem o processo de gramaticalização:

- a *reanálise*: refere-se ao desenvolvimento de formas novas a partir de velhas estruturas. Ela configura uma reorganização de regra linear, operando no eixo sintagmático;

- a *analogia*: em contraste com a reanálise, ela é a generalização da regra, envolvendo, portanto mudança em superfície. A analogia possibilita uma reorganização no eixo paradigmático.

3.1.3 Fatores motivantes

A atribuição de novas funções para itens lexicais em gramaticalização teria sua motivação em conteúdos cognitivos que ainda não encontraram na estrutura lingüística modos adequados de expressão.

Hopper & Traugott (1993) acrescentam motivações de ordem pragmática e interacional ligadas ao papel dos ouvintes/falantes na negociação do significado em situações comunicativas.

Portanto, de forma resumida, podemos dizer que o fenômeno estudado é um exemplo de reanálise – novas formas a partir de formas já existentes.

3.1.4 Verbos gramaticais

Um fator primordial para que um item lexical sofra o processo da gramaticalização é sua alta frequência. Como o verbo é uma categoria básica na formação de sequências linguísticas, a tendência é que muitos verbos estejam nesse processo. Há pelo menos noventa e seis verbos no português do Brasil em processo de gramaticalização. Para Travaglia (2003) o verbo em processo de gramaticalização possui variados usos, valores e funções gramaticais.

Dentre as diversas funções que os verbos exercem ao se gramaticalizarem, Travaglia lista as seguintes:

- a) marcar categorias gramaticais do próprio verbo;
- b) expressar noções semânticas muito gerais e mais abstratas que não constituem situações;
- c) exercer funções textuais-discursivas diversas;
- d) ser meros “carregadores” ou “suportes” de categorias verbais sendo a situação expressa por outro verbo ou um nome como no caso de verbos de ligação e dos verbos com situação indicada por um nome; e

e) exercer funções próprias de outras categorias em que se transformou: verbo de ligação, conjunção e interjeição.

Em relação à forma, esses verbos podem se apresentar como:

a) verbos auxiliares ou semi/quase-auxiliares em construções perifrásticas;

b) em expressões como “ou seja”, “isto é”, “a saber”, “a seguir”, “qual seja” etc. e as expressões com a forma “ser + nome (geralmente adjetivo)”; e

c) verbos simples.

Segundo TRAVAGLIA (2003), quanto mais um verbo de uma perífrase está gramaticalizado mais está vinculado, ligado, aderido, unido ao seu verbo principal. Essa integração pode ser tão forte que não há, muitas vezes, dependendo do auxiliar, possibilidade de intercalação de matéria entre os verbos que formam a perífrase.

Podemos ilustrar o processo pelo qual o verbo lexical/pleno passa até se tornar um verbo gramatical/auxiliar com a cadeia feita por TRAVAGLIA (2005), apesar de este não incluir o verbo “chegar” nos seus estudos. É importante ressaltar que o item gramatical é o verbo auxiliar ou o semi-auxiliar e não toda a perífrase.

(I) verbo pleno > (forma perifrástica: verbos semi-auxiliares/ auxiliares) > verbo de ligação ou verbo funcional > ? aglutinação (clítico > afixo)?

(II) verbo pleno > forma perifrástica (verbos semi-auxiliares/auxiliares) > aglutinação (clítico > afixo)

No primeiro esquema o verbo pode se tornar verbo de ligação, quando expressar uma noção semântica mais geral e abstrata, dando características ao sujeito.

Em relação a verbos funcionando como clíticos, ainda não se encontrou nenhum no Português do Brasil.

De acordo com os esquemas propostos por Travaglia (2003), podemos encaixar o verbo em estudo no seguinte esquema:

Verbo pleno > forma perifrástica (semi-auxiliar)
--

Quando o verbo se torna uma perífrase, a forma perifrástica não é o elemento gramatical, mas sim o verbo auxiliar que nela aparece. Na perífrase, o auxiliar tem o significado de natureza gramatical e o verbo principal, de natureza lexical.

TRAVAGLIA (2003) afirma que os verbos gramaticalizados ou em processo de gramaticalização podem apresentar um de três status, de acordo com seu valor, uso ou função:

a) o de **marcador** que é um item (verbo) que marca alguma categoria gramatical do verbo ou outra classe, expressando-a. Este status representa um grau mais avançado de gramaticalização em relação ao de indicador. Então neste caso, por exemplo, os verbos auxiliares marcadores de tempo, voz, modalidade, aspecto; os modalizadores; algumas expressões, como as marcadoras de modalidade; etc;

b) o de **indicador** que é um item (verbo) que expressa uma noção semântica muito geral e abstrata passível de se tornar categorias gramaticais, mas que ainda não o faz. Aqui se incluem, por exemplo, os chamados “auxiliares semânticos” (Cf. Travaglia-1991) e que alguns autores chamam de semi ou quase-auxiliares. Tem um grau menos avançado de gramaticalização que o marcador e quase certamente também em relação ao verbo funcional. Os indicadores podem evoluir em várias direções ou mesmo sofrer mais facilmente um processo de extinção, para não falar reversão que tem implicações que não desejamos estabelecer;

c) o de **item (verbo) funcional** que é um item (verbo) que não marca uma categoria gramatical dos verbos e outras classes, mas desempenha, nos textos e outras seqüências lingüísticas, um papel nitidamente gramatical, ou seja, de significação interna à língua, conforme definimos acima. Estão neste caso os marcadores conversacionais, operadores argumentativos, ordenadores textuais, os estabelecadores de realce ou relevância, os itens que passaram de classes lexicais para classes mais gramaticais da língua (como conectores/conectivos, preposições, interjeições, advérbios, por exemplo), etc. Incluir-se-iam nesta última categoria os verbos de ligação por sua função relacional de conector ou conectivo (TRAVAGLIA 2003, p.312).

De acordo com os três status apresentados acima, o de indicador é o mais relevante para o presente estudo, visto que o verbo “chegar” pode ser considerado

um quase-auxiliar por atuar como um auxiliar semântico nas perífrases que ele forma.

O verbo *chegar* na perífrase verbal carrega consigo a preposição que faz parte de sua predicação ao analisá-lo como verbo pleno. A preposição “a”, portanto, faz parte da construção perifrástica CHEGAR A + VERBO PLENO NO INFINITIVO.

É provável que esta seja a única preposição que faça parte da perífrase por causa de seu valor semântico de mudança de estado quando faz parte de perífrase verbal, reforçando o valor do verbo como um auxiliar semântico do verbo pleno.

4 Aspecto

Caracterizamos um verbo quando definimos seu modo, tempo, aspecto, voz, número e pessoa. Há certa dificuldade para distinguir um desses critérios, o aspecto.

O aspecto verbal se confunde com outros conceitos, principalmente, com o tempo verbal. Este apresenta uma característica dêitica, além da ligação entre o momento do evento com o momento da enunciação. O aspecto é caracterizado como não-dêitico, ou ainda, o conceito da ação expressa pelo falante.

O aspecto se relaciona com todos os tempos verbais. Quando o evento expresso pelo verbo for limitado, ou seja, sem duração, define-se o aspecto como perfectivo. Quando a duração do evento for relevante, o aspecto é imperfectivo.

Pode-se caracterizar aspecto também pelas seguintes noções, propostas por Castilho (2002):

- inceptividade
- cursividade
- terminação
- pontualidade
- duração
- iteração
- globalidade

Devemos ressaltar que o aspecto não envolve os argumentos selecionados pelo verbo e considera-se que os eventos têm início, meio e fim.

A confusão que se faz, ao se confundir aspecto com tempo, deve-se ao fato de que o evento considerando o aspecto, tem que se estender numa linha de tempo, ou melhor, deve-se analisar o tempo/duração da ação expressa pelo verbo.

A importância da interpretação do aspecto verbal é relevante para auxiliar a intenção do falante, por exemplo, quando este usa o tempo presente do indicativo com sentido de futuridade. Não levar em conta o aspecto é ignorar o sentido

expresso pelo evento que, apesar de conjugado no presente, expressa ideia futura, e não corresponde ao momento da fala.

Portanto, pode-se afirmar que, no aspecto, considera-se a completude ou não da ação do verbo e o valor semântico do mesmo. É importante ressaltar também que o tempo verbal não deve atrapalhar a noção aspectual, mas sim ajudá-la, cooperando com sua definição.

Em Castilho (2002), o aspecto é definido como o “ponto de vista” sobre o estado de coisas. E, ao diferenciar tempo de aspecto, afirma “o tempo pressupõe aspecto, mas este não pressupõe aquele” (CASTILHO, 2002, p.85).

Considerando o aspecto imperfectivo (inconcluso), o verbo pode expressar três valores:

- Inceptivo: quando a fase inicial da ação verbal é retratada.
- Cursivo: quando é retratada a fase medial, em pleno curso de seu desenvolvimento.
- Terminativo: quando a fase relevante é a terminal.

Já considerando o aspecto perfectivo (conclusivo), o verbo pode expressar dois valores:

- Pontual: o começo da ação coincide com o desfecho. O meio/desenvolvimento não é considerado relevante.
- Resultativo: o estado presente é resultado, consequência de uma ação passada.

O resultado apresenta as seguintes características: “(i) ocorre nas predicções estático-dinâmicas, associando uma ação a um estado; (ii) a ação necessariamente tomada no passado é pressuposta; (iii) o estado presente decorre dessa ação; (iv) há relações entre o resultativo e a voz passiva” (CASTILHO, 2002, p.104).

Nos verbos simples e nas perífrases verbais, o aspecto resultativo denota também uma mudança no estado do sujeito.

Segundo a literatura tradicional, as perífrases verbais no português, assim como os verbos simples, expressam tempo, aspecto, modo e voz. A perífrase reúne um verbo auxiliar ou semi-auxiliar e um verbo em sua forma nominal em uma só predicação.

Longo e Campos (2002) apresentam os seguintes valores aspectuais:

- Inceptivo
- Ingressivo
- Cursivo
- Progressivo
- Permansivo
- Habitual
- Iterativo
- Cessativo
- Resultativo
- Perfectivo

Dentre esses valores, o verbo *chegar* se encaixa no resultativo, pois em perífrases verbais expressa consequência, resultado final de uma ação anterior. E, como fora dito anteriormente, denota uma mudança no estado inicial do sujeito.

O auxiliar na perífrase pode manter o valor aspectual por ele expresso enquanto verbo pleno ou adquirir outro valor.

Neves (2006), ao analisar os verbos auxiliares, afirma que alguns verbos unem-se a outros, formando perífrase a fim de indicar um aspecto. A junção do verbo *chegar a + infinitivo* é considerado como consecutivo no exemplo.

“Tomavam a mãozinha rechonchuda, beijavam-na, chegavam a tirá-la do carro” (NEVES, 2006, p.66).

Neste exemplo, a perífrase “chegar a + tirar” denota mudança no estado inicial do sujeito, valor expresso pelo aspecto consecutivo/resultativo.

Segundo Bechara (2003), os auxiliares modais juntam-se a um verbo pleno em sua forma nominal para determinar o modo como a ação verbal se realiza, podendo expressar necessidade, obrigação, dever; possibilidade ou capacidade; vontade ou desejo; tentativa ou esforço; consecução; aparência, dúvida; movimento para realizar um intento futuro; resultado. Dentre as possibilidades, o linguista enquadra “chegar” como um auxiliar modal que expressa resultado.

O aspecto do verbo é originado pelo auxiliar, que, muitas vezes, “empresta um matiz semântico ao verbo principal”. O aspecto seria um modo de vista sobre o estado de coisas, sobre a ação verbal.

CASTILHO (2002) propõe a seguinte tipologia de aspecto:

Imperfectivo	Perfectivo
Inceptivo, cursivo, terminativo.	Pontual, resultativo.

na qual o imperfectivo pode marcar a fase inicial do processo de uma ação verbal (inceptivo), pode marcar uma fase em curso (cursivo) ou uma fase inicial (terminativo). O perfectivo pontual é aquele em que o momento inicial e final do processo de uma ação verbal são praticamente coincidentes e o perfectivo resultativo é aquele em que o estado presente da ação verbal decorreu de uma ação passada. Neste aspecto, há mudança no estado do sujeito.

Há também, segundo CASTILHO (2002), o aspecto iterativo que não seria exatamente um outro aspecto, podendo haver o iterativo imperfectivo e o iterativo perfectivo. Este aspecto revela a repetição de um processo de uma ação verbal por algum tempo.

Os pontos comuns a autores sobre aspecto são:

- aspecto seria “a maneira de ser da ação”:
- aspecto é a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna;

- aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si;
- aspecto envolve tempo;
- aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções ou de noções simples: término/não término, início, resultado, etc.

Bertucci (2007), considera o verbo *chegar* em perífrases verbais um auxiliar; contudo, discorda que seja indicador de aspecto. O autor discorda da avaliação que diversos autores fazem ao classificar *chegar* como um auxiliar marcador de aspecto resultativo.

A discordância se baseia, entre outras afirmações, na relação de causa e consequência/resultado. Na análise dele, não há lógica no resultado apresentado pelo verbo.

Concordamos com ele ao dizer que não há lógica na relação de causa, expressa por uma ação anterior, e consequência, expressa pela perífrase. Mostraremos que o resultado obtido, o ponto alcançado é, muitas vezes, inesperado, ao contrário das expectativas, principalmente, do falante.

Houaiss (2001) classifica o verbo chegar como auxiliar aspectual e afirma que “a ação denotada pelo verbo principal se apresenta como um resultado relativamente às ações anteriores não explicitadas e/ou há uma avaliação subjetiva por parte do falante em relação ao fato que enuncia” (HOUAISS, 2001, p.697).

Ao contrário de Bertucci (2007), concordamos com Houaiss quando ele afirma que a causa nem sempre é explicitada. Um outro ponto que faz com que o autor discorde da classificação do verbo como aspectual resultativo é esse. Para ele, nem sempre conseguimos determinar a causa, possivelmente por ser subjetivo, uma avaliação do falante como afirma Houaiss (2001).

(22) O engenheiro mecânico Wellington Lino Mendes Cavalcanti sofre com esses problemas desde que veio morar em Juiz de Fora. Ele **chegou a participar** de um projeto de mestrado da arquiteta Selma Cristina Port

Lunardi, que tratou da acessibilidade nas ruas da cidade (Jornal Panorama - 14/01/08 – A arte de se locomover nas ruas de JF – cidade – p4).

(23) Acareação Yamaha

R é:: mas é: o:: motivo que me trouxe aqui num é nem pela
te.: diferença de mais ou menos de de desse valor entendeu? É mais
 porque pelo que eu vejo no contrato que constava a: a yamamoto
 nem entrou em comunicação comigo tanto é.. EU fui lá muitas vezes
 conversei com a Luisa (xx) entendeu cheg- chequei a pedir extrato
 (xxx) É mais porque é:: no contrato tá dizendo que tem que dar
 satisfação pro associado, né =

No exemplo (22), o sujeito “ele” sofre mudança de estado devido a uma ação anterior à expressa pela perífrase verbal. O fato de “o engenheiro mecânico Wellington Lino Mendes Cavalcanti” ter sofrido com problemas de locomoção na cidade de JF (causa), fê-lo participar “de um projeto de mestrado” (consequência/resultado).

O semi-auxiliar *chegar*, por ser um verbo de movimento, reforça o valor semântico expresso pela perífrase, ou seja, reforça a ideia de mudança do sujeito.

No exemplo (23), podemos fazer a mesma análise que fora feita no (22). O falante resolve pedir um extrato (consequência/resultado) devido a um mal entendido (causa).

Uma das conclusões de Bertucci (2007) sobre *chegar* como auxiliar aspectual é:

sendo assim, qual aspecto é atualizado por *chegar*? Aparentemente, nenhum. O fato de preceder um verbo no infinitivo e de se comportar semanticamente como auxiliar não garantem que ele atualize por si só um dado aspecto do verbo principal. Quando o falante utiliza uma perífrase encabeçada por *chegar*, ele mostra ao ouvinte que o sujeito atingiu um ponto – que pode ser o mais alto em uma escala. Portanto, acreditamos ser uma ideia frágil sustentar que *chegar* atualiza algum aspecto em uma sentença (BERTUCCI, 2007, p.36).

A partir dos dados (22) e (23) e os que serão analisados no capítulo 4, concluímos que Bertucci (2007) se equivoca ao afirmar que chegar não denota nenhum aspecto na perífrase verbal por ele formada.

5 ANÁLISE DE DADOS

Consideramos que o verbo *chegar* é um verbo de movimento, pois é possível dizer que nos dados o sujeito do verbo sofre um deslocamento físico, uma vez que sai de um ponto de origem determinado, nem sempre compartilhado com o interlocutor, e chega ao ponto final da trajetória. Vimos também que a preposição altera o sentido da sentença.

O sujeito do verbo *chegar* lexical pode também sofrer um deslocamento não físico, isso quer dizer que há uma mudança no estado inicial do sujeito.

Esse movimento expresso pelo verbo é reforçado pelo uso de preposições que apresentam um nexos semântico de movimento, como, por exemplo, a preposição *a*, que significa em direção a.

Mostraremos, neste capítulo, os tipos de argumentos que são selecionados pelo verbo em estudo e seu funcionamento como um verbo semi-auxiliar numa perífrase verbal.

5.1 *Chegar* com complemento locativo

O verbo *chegar* pode ser considerado bivalente, porque seleciona dois argumentos: o sujeito e o complemento locativo.

SUJEITO (agente) + CHEGAR (morfema) + PREPOSIÇÃO + LOCATIVO

5.1.1 Com a preposição “a” inserindo o locativo

Nos exemplos (24) e (25), podemos observar melhor a bivalência do verbo.

(24) Após **chegarem** ao Parque Halfeld, local da dispersão, um grande baile animou tanto quem desfilou quanto quem simplesmente parou para ver a alegria e a animação dos representantes da melhor idade (Jornal Panorama - 01/02/08 - Folia que não tem idade - cidade – p.6).

No exemplo (24), o verbo apresenta um sujeito desinencial “os representantes da melhor idade” e para o complemento locativo “ao Parque Halfeld”. Há o ser que se desloca e o local para onde se desloca explicitados.

(25) Se fosse uma noiva nova rica, a opção seria uma limousine. Se fosse emergente, uma BMW. Mas não foi a bordo de nenhum carrão de luxo que a psicóloga Ana Monteiro Vieira Braga Baroni **chegou** à Capela de São Roque, onde se casou com o engenheiro Moisés Mendes Batista (Jornal Panorama - 01/02/08 – Douglas Fazolatto – p.8).

No exemplo (25), há também dois argumentos selecionados pelo verbo, o sujeito “a psicóloga Ana Monteiro Vieira Braga Baroni” e o complemento locativo “à Capela de São Roque”.

(26) O adversário do Tupi **chegou** a cidade credenciado pela vitória por 2 a 0, em cima do Social, na primeira rodada. Um dos gols da partida foi marcado pelo atacante Adriano, que teve uma passagem apagada pelo Tupi, na Taça Minas do ano passado (Jornal Panorama - 01/02/08 – Guarani – esporte – p.8).

No exemplo (26), “chegou” seleciona “o adversário do Tupi” para sujeito e “a cidade” como complemento locativo. Neste exemplo, há também um problema de regência, visto que deveria haver crase – à cidade.

Nos exemplos (24), (25) e (26), a preposição “a” faz parte da transitividade do verbo chegar, ou seja, ela é responsável por introduzir o complemento locativo. Este complemento refere-se ao ponto de chegada ou ao ponto final da trajetória do sujeito. O ponto inicial da trajetória nem sempre é de conhecimento do falante/ouvinte. Esta preposição utilizada com verbos de movimento, dinâmicos indica direção a um lugar.

5.1.2 Com a preposição “em” inserindo o locativo

(27) Segundo ela, o aposentado **chegou** em casa e, sem motivo aparente, começou a agredir o filho (Jornal Panorama - 07/02/08 – Homem é detido por ameaçar mulher e filho – cidade – p.5).

No exemplo (27), o verbo também seleciona o sujeito “o aposentado” e o complemento locativo “em casa”, contudo, a preposição utilizada para introduzir o complemento locativo é “em”. Esta preposição também marca o fim da trajetória, o ponto de chegada, denotando lugar/onde.

(28) Ele **chega** no Brasil na próxima semana para decidir o futuro e começar a treinar (Jornal Panorama - 11/01/08 – Romário estréia com derrota – esporte – p.12).

Há neste exemplo (28) a preposição *em* numa contração com o artigo “o” sendo regida pelo verbo chegar o qual seleciona “Ele” como sujeito e “no Brasil” como complemento locativo.

Em sintagmas verbais, sendo regida por um verbo de movimento, a preposição *em* insere um complemento circunstancial que indica o local em direção ao qual se desloca.

(29) Muitos interessados **chegaram** na fila às 22h de domingo e montaram acampamento pela madrugada no passeio da Avenida Rio Branco. No início da manhã, a fila **chegava** ao cruzamento com a Rua Santa Rita (Jornal Panorama - 08/01/08 – Matrícula escolar causa confusão – cidade – p.6).

No exemplo (29), há o uso das duas preposições, o que demonstra que o uso de ambas fazendo parte da transitividade do verbo chegar tem sido frequente.

Segundo Mollica (1996), usa-se a forma *em* quando o lugar é [+definido] e/ou [+fechado]. Portanto, o autor da notícia não fez uma simples troca de preposições, ele, inconscientemente, considera “fila” um local mais definido ou fechado do que “cruzamento”.

Essa proposta de Mollica (1996) ainda não pode ser considerada “regra”, pois o falante, principalmente nos dados escritos, tende a se corrigir, seguindo às regras das gramáticas tradicionais, as quais consideram erro de regência o uso da preposição *em* regida por um verbo de movimento, indicando em direção a.

Apesar de terem sido usados dados de fala e de um jornal, neste também foram encontrados registros do uso da preposição *em* regida pelo verbo chegar como pôde ser observado no exemplo (29).

5.1.3 Com a preposição “até” inserindo o locativo

A preposição *até* também aparece, com pouquíssima ocorrência, regida pelo verbo *chegar*, introduzindo um complemento locativo. Esta preposição funciona no sistema de transitividade do verbo, como “a” e “em”, denotando o fim da trajetória do sujeito, o ponto de chegada.

(30) — Muita dificuldade para chegar até aqui. Viemos do Grupo de Avaliação, mas precisamos agora é de parceria, porque no primeiro grupo a carga é pesada e temos que nos preparar. Nossa vitória este ano era a permanência no segundo grupo (Jornal Panorama - 06/02/08 – Milho Branco em festa – cidade – p.6).

No exemplo (30), o verbo *chegar* seleciona como complemento locativo “até aqui”, a preposição *até*, ainda que raro, também faz parte da predicação do verbo analisado e marca, delimita o ponto final da trajetória. O locativo dêitico aqui coloca o ponto perto do falante.

Não há muitas ocorrências da preposição *até*, regida pelo verbo *chegar*, nos dados selecionados.

5.1.4 Com a preposição “de” inserindo o locativo

Há também o uso do verbo *chegar* marcando o ponto de origem, sendo o ponto de chegada compartilhado pelo falante/ouvinte.

(31) Alice Tavares e Aluizio Gomes chegaram de um cruzeiro pela Patagônia, a bordo do navio Star Princess (Jornal Panorama - 07/02/08 – Douglas Fazolatto –p8).

O uso da preposição *de* regida pelo verbo *chegar* nos permite conhecer a origem e o final da trajetória do sujeito em questão, que normalmente é o lugar onde se situa o falante. Esta preposição também introduz um complemento locativo sendo regida por um verbo dinâmico, de movimento.

No exemplo (31), conhecemos a origem do deslocamento do sujeito, “Alice Tavares e Aluizio Gomes”, “Patagônia” e o fim da trajetória que é a cidade Juiz de

Fora, onde reside o sujeito e de onde são as pessoas que fazem parte da coluna social de Douglas Fazolatto.

(32) Ela **acabou de chegar** dos EUA, onde passou um mês, inclusive o réveillon (Jornal Panorama - 06/02/08 – Douglas Fazolatto – p. 8).

No exemplo (32), chegar é o verbo pleno de uma perífrase verbal, por isso seleciona “Ela” como sujeito e “dos EUA” como complemento locativo que indica a origem. A preposição *de* está contraída com o artigo dos e faz parte da predicação do verbo chegar. O fim desta trajetória, Juiz de Fora, também é compartilhada com o leitor do jornal.

Em sintagmas verbais, a preposição *de* pode encerrar a idéia de circunstanciação de lugar, ponto inicial no espaço, origem.

Pelos diferentes sentidos dos exemplos dados, não devemos considerar a preposição como uma simples classe de palavras que serve para relacionar termos. A preposição vai muito além disso, pois ao mudarmos a preposição, mudamos o sentido da frase. O falante enfoca a ida ou a volta com a escolha da preposição e também considera um local mais ou menos definido que outro. Quando escolhe a preposição “a” , “em” e “até”, marca o ponto final, a meta; quando escolhe “de”, marca o ponto inicial, a origem. Quando escolhe a preposição *a*, considera o local menos fechado e quando opta pela preposição *em*, está considerando o local mais fechado/definido.

5.2 *Chegar* com complemento indireto

O verbo chegar é considerado bivalente também quando seleciona sujeito e um complemento indireto, que normalmente é um lugar virtual, não representado por um espaço físico, mas por uma posição, um preço, um acordo, circunstâncias de valor e de limitação.

SUJEITO + CHEGAR + PREPOSIÇÃO + COMPLEMENTO INDIRETO
--

Nas expressões *chegar a um consenso*, *chegar a um acordo* são usadas as preposições “a” ou “em”, visto que o consenso, o acordo são metas numa discussão.

(33) Gesso Nova

	Carla:	que não foi feito, que hou-, que houve problemas. então, cada um tem o seu lado, os seus as suas razões. nós estamos aqui pra tentar chegar num consenso. se for possível, ótimo. se não for, vocês vão ter que resolver isso em outro lugar, entendeu. com perícias técnicas, com processos judiciais, tá.
--	--------	--

(34) Hoje Telefonia Celular

32 rgio sé rita, eu to sem apuração, eu vou tentar
 33 questionar la em belo horizonte e vê se a gente
 consegue **chegar** em um acordo aqui.

(35) O meia Marquinhos não fará parte do grupo no centenário do clube. O Galo não conseguiu **chegar** a um acordo para a renovação de contrato com o jogador (Jornal Panorama - 11/01/08 – Tchô vive maré de azar – esporte – p8).

Nos exemplos (33), (34) e (35), as preposições *em* e *a* não introduzem complementos locativos, mas complementos indiretos, complementos que indicam a meta, o objetivo. Não há um deslocamento do sujeito no sentido físico, mas há uma mudança ou uma tentativa de mudança do estado inicial do sujeito. Antes, o sujeito encontra-se em desacordo; depois, encontra-se num acordo, num consenso.

Nos exemplos (33) e (34), o falante pretende mudar seu estado de desacordo e passar a um estado de acordo, consenso. Isso é ratificado pelos verbos *tentar* e *conseguir*. Já no exemplo (35), percebemos que houve uma tentativa de mudança, mas sem sucesso, pois o sujeito continua em desacordo.

Nos exemplos com o verbo *chegar* com complemento indireto, ele também seleciona sujeito. Em (33), o sujeito é “nós”, em (34) é “a gente” e em (35) é “o Galo”.

(36) A Beija-Flor ganhou de ponta a ponta, alcançando 393,3 dos 400 pontos em disputa. Com isso, a agremiação de Nilópolis **chegou** ao seu 11^o título, com um detalhe: nos últimos seis anos, ganhou cinco desfiles, de 2003 a 2005, e 2007-2008 (Jornal Panorama - 07/02/08 – Nada de novo, deu Beija-flor – geral – p.7).

(37) O cação **chega** a R\$ 15,90 (Jornal Panorama - 07/02/08 – cidade – p.5).

Apesar de os sujeitos em (36) e (37) não se deslocarem fisicamente, há uma mudança do estado inicial em que se encontravam. Em (36), a escola chegou ao 11^o título, porém antes ele estava com apenas 10. Em (37), o preço do cação chega a R\$ 15,90, mas antes era menos. Nestes exemplos o verbo *chegar* tem sentido de alcançar, circunstanciação indicado limite superior e preço, por isso, as preposições usadas com ele são as que focalizam a meta e não a origem.

(38) Apesar de ter sido anunciado como reforço ainda em 2007, Kleberson **chegou** para comandar o meio-de-campo do Fla nesta temporada (Jornal Panorama - 07/02/08 – Joel promete não poupar Fla contra o Voltaço – esporte – p.12).

Neste exemplo (38), consideramos o verbo bivalente apesar de o complemento não estar escrito. Contudo, podemos, pelo contexto, definir que o complemento é “ao time Flamengo”. Além disso, o sujeito “Kleber” não indica tempo/momento. Portanto, neste exemplo o verbo é bivalente, predador de dois lugares.

(39) Tocantins II

17 H2 cara...eu vendo também...sabe?[...tô no balcão
18 lá...**chegô** cliente tem que atender

Neste exemplo (39), também consideramos o verbo bivalente apesar de o complemento não estar escrito. Pelo contexto, definimos que o complemento é “aqui”, o lugar onde o falante está. Além disso, o sujeito “cliente” é um agente que se desloca de um ponto X a um ponto Y.

5.3 *Chegar* monovalente

Quando o verbo chegar é monovalente, ele é intransitivo, ou seja, ele seleciona apenas um argumento, o sujeito.

(40) Já está **chegando** a época de apresentação da planilha e ainda não tivemos qualquer informação a respeito disso (Jornal Panorama - 23/01/08 – cidade – p.3).

(41) A tão esperada final **chegou**. Milan e Liverpool em um cenário histórico: Atenas. (Jornal Panorama - 07/01/08 – Liga dos campeões – esporte – p.12).

Além das análises apresentadas, os exemplos acima mostram que o verbo chegar também pode ser intransitivo quando o sujeito indicar tempo. Os exemplos acima mostram *chegar* intransitivo. Nos dois casos, temos um sujeito que faz referência a tempo. Em (40), “a época” é o sujeito e em (41), “a final” do jogo, o momento da disputa.

(42) Transcrição de Tocantins

	Não(init) mais ela tem que devolver aquele seu
	não eu sei, mais vão perguntar ele depois
	não, não perguntar agora (init)
	i num ligo pra essas coisa não mãe, chega

No exemplo (42), o verbo chegar é monovalente e tem sentido de parar, cessar o que estava sendo dito. A filha utiliza o verbo no imperativo, a fim de fazer com que sua mãe não fale mais naquele assunto. Esse exemplo foi o único nos dados, visto que é mais comum na fala. Nos dados escritos, não foram encontrados exemplos como este. Esse sentido se encontra no dicionário no sentido de bastar, ser suficiente. Neste caso houve perda semântica do verbo em seu sentido original.

5.4 *Chegar* como impessoal

Em apenas uma ocorrência nos dados de fala, houve o uso do verbo chegar como impessoal, pois não há realização de sujeito e podemos substituí-lo pelo verbo haver sem alteração de sentido.

(43) Acareação Yamaha

Rte.: é:: **chegô** cheg chegou meis de de de de vim a boleta de um mês adiantado porque é:: é tudo numeradinho, né.

Substituindo o verbo chegar pelo haver impessoal, a frase, sem alteração de sentido, ficaria:

(43b) Há mês de vir a boleta de um mês adiantado, porque é tudo numeradinho, né.

O verbo impessoal perde o complemento e flexão. Interessante, contudo, observar que há verbo chegar que tem como sujeito a noção de tempo, o que facilita a reanálise de chegar como impessoal.

Como não há literatura que contemple o verbo em estudo nesse sentido, não fizemos uma análise exaustiva.

5.5 *Chegar* gramatical

O verbo “chegar” pode ser considerado um quase-auxiliar quando encontrar-se numa mesma oração com um verbo principal na forma nominal de infinitivo. A sentença é formada da seguinte forma:

CHEGAR (flexionado) A + VERBO PLENO NO INFINITIVO

CHEGAR (flexionado) + VERBO PLENO NO INFINITIVO

Ou ainda:

CHEGAR (flexionado) ATÉ A + VERBO PLENO NO INFINITIVO

(44) A forte chuva que caiu na tarde de ontem deixou as ruas do Bairro Igrejinha alagadas. A água **chegou a invadir** residências e alcançou um

metro de altura. Algumas das vias, como a Rua José Leite de Oliveira, ficaram parcialmente interditadas com a enxurrada (Jornal Panorama - 10/01/08 – Chuva forte provoca inundações em Igrejinha – cidade – p6).

(45) Quem não se lembra de Adriano, que nunca teve papas na língua? Sucesso na época, ele **chegou a virar** repórter da Globo, mas anda desaparecido (Jornal Panorama - 06/02/08 – Odiados pelo público, mas até hoje lembrados – salada mista – p9).

Em (44) e (45) podemos observar que não é possível o desdobramento da oração em dois núcleos. Os dois verbos funcionam juntos para exprimir resultatividade. Isso comprova a semi-auxiliaridade de *chegar*. Em (44), o sujeito “a água” poderia ser selecionado pelo verbo “invadiu” e em (45), “ele” é sujeito de *chegou* e de *virar*, mas poderia ser “virou”. Se não colocarmos o verbo chegar, a ideia de resultado inesperado não fica marcada.

A intenção do falante é justamente indicar a consequência de uma ação anterior à expressa pela perífrase. A causa dessa consequência/resultado nem sempre é explicitada na sentença, algumas vezes ela é subjetiva, partilhada apenas pelo falante.

Em relação ao aspecto, podemos notar que é resultativo, por exemplo, em (44), a chuva foi tão forte que alagou o bairro, tendo como resultado inesperado a invasão da água nas residências, atingindo um metro de altura. Em (45), Adriano teve como resultado do sucesso que fazia a profissão de repórter da Globo. Além de marcar resultado, a perífrase marca um resultado inesperado, pois não são todos que conseguem ser repórteres da Globo.

A perífrase formada pode apresentar ou não a preposição “a”, sendo que a ausência desta preposição é mais comum na fala, como pode ser observado no exemplo (46). Nos dados escritos coletados não houve ausência de preposição entre o auxiliar e o pleno. De acordo com Bechara (2003), o verbo principal tem o mesmo sentido se não estivesse formando este tipo de perífrase, ou seja, como no exemplo (46), seria a mesma coisa dizer “teve” e “chegou ter”.

“Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho” (BECHARA, 2003, p.233). O linguista considera o

verbo vir a + infinitivo da mesma forma como considera o verbo chegar a + infinitivo, como marcador de resultatividade, por isso a citação abrange somente o verbo vir.

Discordamos de tal afirmação, pois o aspecto da perífrase não é o mesmo no verbo simples. O falante opta pela perífrase, justamente por querer expressar um sentido que o verbo simples não expressa.

(46) Acareação Yamaha

R (5.0) (xx) chegou te:r um quadro lá que eu fui contempLAdo
te.: não me coloca:ram como um contemplado eu fui lá reclamar com a
 Luísa me meu número (tá aqui é:) quatro dezoito. (xxxx) aí depois
 disso eles viru ((muito barulho))

Para confirmarmos mais ainda a semi-auxiliaridade de “chegar”, mostramos, com os exemplos (47) e (48) que o sujeito da oração é o único responsável pelos dois verbos (auxiliar e principal).

(47) O Foquinha, antes de ser substituído por Marcinho, aos 31 minutos da etapa final, relutou contra a determinação do médico Sérgio Freire Júnior e tentou voltar a campo. Depois, com receio de uma terceira lesão grave na carreira, chegou a atirar a camisa ao chão e deixou o campo bastante decepcionado (Jornal Panorama - 01/02/08 – Seis meses sem bola – esporte – p.11).

(48) Hoje serviços públicos

Rosa: aí você reativou, chegou a reativar

Joana: cheguei

No exemplo (49), há presença de duas preposições, “a”, que já faz parte da perífrase por fazer parte da predicação de “chegar”, e a preposição “até”. Em (50), há a presença do pronome reflexivo “se”.

Ao juntar-se com o verbo pleno, o auxiliar ou semi-auxiliar designa um aspecto, que seria um modo de vista sobre a ação verbal.

Enquadramos o verbo *chegar*, na maioria dos dados, no perfectivo resultativo, visto que se encontra no pretérito perfeito, expressando uma ação concluída, sendo a ação verbal presente resultado de uma ação passada explícita na oração ou não.

(51) Sentindo a pressão da torcida, o jogador **chegou a trocar** de posição com o volante Ramires, mas, aos 42 minutos, o jogador deu a volta por cima (Jornal Panorama - 28/01/08 – Raposa goleia o Uberaba – esporte – p.11).

No exemplo (51), a ação verbal encontra-se, no momento presente, concluída (perfectivo) além de ser resultado de uma ação anterior. A torcida fez pressão (ação anterior) e o jogador trocou de posição (ação resultante).

(52) Ele **chegou a ser** socorrido pelo Samu e levado para o Hospital Monte Sinai, mas não resistiu aos ferimentos (Jornal Panorama - 21/01/08 – Morte de Bernardo faz 1 ano – cidade – p.5).

Em (52), podemos também analisar como em (51), “ele” (Bernardo) se feriu (ação anterior) e resultou no atendimento pelo Samu e na ida ao hospital.

Interessante notar que a perífrase verbal em (52) está numa construção passiva.

Para concluirmos as observações do verbo *chegar* em processo de gramaticalização, faremos uma análise dos princípios (já citados) que, segundo Hopper (1991), caracterizam os estágios iniciais da gramaticalização:

Estratificação: o surgimento de novas estruturas do verbo *chegar* coexiste com outras mais antigas. As formas antigas não desapareceram.

Divergência: a forma original do verbo *chegar*, que sofreu gramaticalização, pode, ainda, permanecer na língua e passar pelas mudanças de um item lexical qualquer. Ou seja, a divergência é considerada um aspecto oriundo da estratificação, uma vez que também há uma coexistência de formas dentro do sistema. Passam a existir, simultaneamente, as formas novas e as formas originais, sendo estas últimas autônomas e suscetíveis a mudanças. Podemos encaixar aqui, o outro processo de mudança pelo qual o verbo *chegar*, em sua forma original, passou ao funcionar como um verbo impessoal.

Especialização: o verbo *chegar*, em perífrases verbais, especializa-se como marcador de aspecto resultativo, consecutivo.

Persistência: a forma após passar pelo processo de gramaticalização, continua com vestígios de seu significado original e particularidades de sua história podem ser refletidas sobre sua distribuição gramatical. Ou seja, o verbo *chegar*, teve um enfraquecimento semântico, mas o sentido de movimento ainda persiste, já que o sujeito da perífrase sofre alteração em seu estado inicial.

Decategorização: após o processo de gramaticalização, há na forma uma perda de traços de categorias primárias como nome e verbo que passam a assumir traços de categoriais secundárias, como adjetivo e preposição. O verbo *chegar*, como semi-auxiliar em perífrases verbais, deixa de ser um verbo pleno e passa a ser um auxiliar semântico.

Esses princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991), aplicam-se ao verbo *chegar*, contudo, não o consideramos auxiliar, mas sim como um auxiliar semântico, ou semi-auxiliar, ou quase-auxiliar.

Entre os verbos lexicais e os verbos auxiliares, encontramos os verbos semi-auxiliares ou quase-auxiliares, caracterizados também por sua natureza “anfíbia” (Heine, 1993), ou seja, apresentam características tanto dos verbos lexicais, quanto dos verbos auxiliares (FERREIRA, 2008, p.129).

5.5.1 *Chegar* gramatical em português arcaico (século XVIII)

Como já dissemos no início desta dissertação, os estudiosos tentam explicar/investigar as mudanças que ocorrem em nossa língua. Sabemos, portanto, que a importância do estudo diacrônico esclarece e explica algumas dessas mudanças.

Consultamos um corpus de português arcaico, do século XVIII, a fim de investigar a utilização do verbo chegar, formador de perífrase verbal. Como mostraremos adiante, encontramos vários exemplos que comprovam nossas observações.

(53) E para que e_tas per_ua_oens **cheguem a produzir** o effeito, que _e de_eja, lhes faráõ comprehender os DireCtores, que a _ua negligencia, e o _eu de_cuido, tem _ido a cau_a do abatimento, e pobreza, a que _e achaõ reduzidos; não omittindo finalmente diligencia alguma de introduzir nelles aquella hone_ta, e louvável ambiçaõ, que de_terrando das Republicas o pernicio_o vicio da ocio_idade, as con_titûe populo_as, re_peitadas, e opulentas (directorio, que se deve observar nas Povoaçoes dos Indios do Pará, e Maranhão em quanto Sua Mage_tade não mandar o contrario).

(54) Daqui nasce o vermo-lo tratar o Governo com insulto, e ultraje; quando se recusou ás sobreditas pertençoens, **chegando até a ameaçar** que appellaria para o Povo. (Roberto Goodloe Harper, aos seus constituintes, em Maio de 1797).

(55) 21 E_tes _ucce__ivos damnos, que tem re_ultado _em duvida dos mencionados principios, arruinaraõ o inttere__e publico; diminuirão nos Póvos o commercio; e **chegaraõ a transformar** ne_te Paîz a me_ma abundancia em e_terilidade de _orte, que pelos annos de, 1754., e 1755. **chegou** a tal exce__o a care_tia da farinha, que, endendo- _e a pouca, que havia, por

preços exorbitantes (directorio, que se deve observar nas Povoações dos Indios do Pará, e Maranhão em quanto Sua Mage_tade não mandar o contrario).

Nos exemplos seleccionados do corpus arcaico, podemos notar que o verbo semi-auxiliar da perífrase CHEGAR A + INFINITIVO não começou a passar há pouco tempo pelo processo de mudança pelo qual todo verbo que se torna auxiliar ou semi-auxiliar passa.

Nos exemplos (53), (54) e (55), as perífrases “cheguem a produzir”, “chegando até a ameaçar” e “chegarão a transformar” denotam aspecto resultativo, mesmo no dado (55), cujo verbo semi-auxiliar se encontra no futuro do presente. A consequência expressa pela locução acontecerá no futuro.

Fizemos esse parêntese nos textos antigos com o objetivo de explicar que a intenção do falante em ter um verbo que denote (na perífrase) um resultado inesperado não é recente. Como a língua se adequa às necessidades da comunicação, o verbo chegar a partir de um momento, passou a ser um semi-auxiliar, ou melhor, um auxiliar semântico de um verbo não finito (infinitivo) em sentenças do PB.

6 Conclusão

O objetivo dessa dissertação foi fazer um estudo do verbo *chegar* - lexical e em processo de gramaticalização - nas sentenças do PB, em dados orais e escritos sob uma *perspectiva funcionalista*.

A princípio, fizemos um estudo sobre a predicação do verbo lexical chegar, analisando todos os argumentos por ele selecionados para ocuparem os espaços vazios da sentença e, consideramos que o verbo pode ser monovalente, bivalente e até impessoal.

Ao apresentar-se como bivalente, percebemos que a preposição tem um papel importantíssimo e faz parte do seu sistema de transitividade. Para confirmar nossas observações, utilizamos as considerações CASTILHO (2008).

Em seguida, utilizamos HEINE (1993) e TRAVAGLIA (2003) a fim de mostrar que o verbo chegar em perífrases verbais chegar a + infinitivo ou chegar + infinitivo não é auxiliar, mas sim um semi-auxiliar, pois atua como um auxiliar semântico.

A respeito disso, investigamos também o aspecto verbal expresso pela perífrase e observamos que ele tem valor resultativo, pois indica uma consequência de uma ação anterior.

Em relação à investigação sobre o aspecto do verbo chegar nas perífrases, discordamos de Bertucci (2007) que, em sua dissertação, conclui que este mesmo verbo é auxiliar, e não um marcador aspectual. Para ele, a presença do *chegar* nas locuções verbais não tem influência no aspecto do evento descrito. Consideramos que além de influenciar no aspecto da perífrase, o verbo expressa um resultado não esperado, surpreendente, em alguns contextos.

Mostramos através dos estágios iniciais da gramaticalização, propostos por Hopper (1991), que o verbo em processo de gramaticalização persiste com o uso de seu sentido original e nas perífrases continua com vestígios do valor semântico do seu estado original.

Acreditamos que nosso estudo, mesmo sem esgotar o assunto, tenha contribuído teoricamente para os estudos de predicação e auxiliaridade e, principalmente, nos estudos sobre o verbo *chegar* nas sentenças do PB.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Lições de português pela análise sintática**. 16. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BERTUCCI, Roberlei Alves. **A auxiliaridade do verbo chegar em Português brasileiro**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2007.
- BYBEE, Joan L. Theoretical Background. In: **The Evolution of Grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world**. The University of Chicago, 1994.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 111-114.
- CASTILHO, A. T. de. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M. & RODRIGUES, A. C. S. (orgs). **Gramática do Português Falado**, cap. VIII, Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 83-122.
- _____. As preposições. In: Maria Helena Moura Neves e Rodolfo Ilari (Orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**, vol. II, "Classes de Palavras e Processos de Contrução", 2008. p. 623-808.
- _____. Aspecto verbal no português falado. In: Abaurre & Rodrigues (orgs.). **Gramática do Português Falado**, volume VIII. Parte II, Sintaxe I. 2002, 61-75.
- DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa / Academia Brasileira de Letras. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- FARIAS, J.G. Variação entre a, para e em no português brasileiro (PB) e no português europeu. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre. V. 41, nº1, p. 213-234, março, 2006.
- FERREIRA, Ediene Pena. A manifestação do processo de auxiliaridade do verbo *chegar*. In: **Diadorim: Revista de Estudos Lingüísticos e Literários**. RJ. Publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. 2008. p. 125.
- GALVÃO, Vânia Casseb. Gramaticalização. In: **Evidencialidade e Gramaticalização no Português do Brasil: os usos da expressão diz que**. Tese de doutorado. UNESP/Araraquara. 2001. p. 19-37.
- HEINE, Bernd. **Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization**. Oxford University Press, New York, 1993.

HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticalization. *In* : E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). **Approaches to Grammaticalization** , v. 1 , Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company , 1991. p. 17-35.

HOPPER, P.& TRAUGOTT , E. **Grammaticalization** . Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001

LEHMANN, C. Grammaticalization and Related Changes in Contemporary German. *In*: E. TRAUGOTT & B.HEINE (eds.). **Approaches to Grammaticalization**, v. 2, Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p.493-535.

LONGO, B. de O. & CAMPOS, O. de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. *In*: ABAURRE, M. B. M. & RODRIGUES, A. C. S. (orgs). **Gramática do Português Falado**, v. VIII, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-477.

MATEUS *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983. p. 45-66.

NEVES, Maria Helena M. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo. Editora Unesp. 2002. p. 103-128.

_____. **Texto e gramática** – São Paulo: Contexto, 2006. p. 35-74.

PONTES, E. **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis: Vozes, 1973.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SANTOS, J. A Transitividade de verbos de movimento. *In*: **XII Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, Caderno do CNLF. Rio de Janeiro, 2008, v. XII, p. 28-34.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. “A gramaticalização de verbos” *in*: HENRIQUES, Cláudio Cezar (org.). **Linguagem, conhecimento e aplicação** – Estudos de língua e lingüística. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003. p. 306-321.